

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUÍS SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

Limalhas

Dizia um advogado celebre que, por causa de heranças, as famílias algumas vezes se convertem em bandos de malfeitores. Assim é para vergonha da especie humana. A tal respeito, com o saudoso dr. P. da C. Santos passou-se o seguinte: Vindo um dia a Lisboa, tomou um taxi, no Rossio, para encontrar-se com Fulano, Cicrano e Beltrano que moravam em sitios distantes. No fim da larga e demorada corrida, perguntou ao «chauffeur»:

— Quanto lhe devo?
— Não tem nada que me pagar...
— Essa é boa! Porquê?
— O senhor não é o dr. P. da C. Santos?

— Sou, sim. Mas que tem isso com a importancia em divida?
— E' que somos filhos do mesmo pai e, portanto, irmãos!

Mais umas palavras de esclarecimento e os dois caíram nos braços um do outro, selando logo um pacto de eterna amizade. O dr. P. da C. Santos, á despedida, disse:

— Sabes, irmão, por que motivo nunca haverá odios entre nós? E' que, o nosso pai não nos deixou uma herança que houvessemos de dividir...

Recebemos uma carta de alguém que marca com lapis vermelho trechos dum longo artigo laboriosa e impudentemente plagiado dum jornal estrangeiro. Não é caso unico, pois ha pessoas que se crêem autorizadas a apropriar-se do alheio, sem ao menos se darem ao incomodo de previamente limpar os dedos.

Ao chegarem a Paris, os dezoito passageiros do «Atlantic Clipper» exclamaram, encantados:

— Em menos de quarenta e oito horas, viemos de Nova York a Paris!

A' medida que o homem conquista o ar, o espaço imenso, morrem os terrores milenares.

Que virá a acontecer no dia em que a ciencia saiba tudo e nós consideremos a natureza como um brinquedo desmanchado por uma criança?

Que terror! Que frio!...

A historia dos grandes homens nunca perde o seu interesse, se não pretende ser superior ás belas lendas que nos contaram as nossas avós.

Os nossos pensamentos mais altos, e tantas vezes irrealizaveis, fazem que a nossa vida, por miseravel que seja, tenha sempre uma fresta virada para o sol.

O «Apoio fraterno dos Surdos-Mudos de França» elegeu Muguette Laville, de dezoito anos de idade, surda-muda, para o honroso papel de «Miss Silenciosa 1939».

E' uma rapariga de grande formosura, cujo sorriso é cheio de graça primaveril.

Trabalha num laboratorio de farmacia.

O culto da beleza estende-se, pois, aos surdo-mudos que, não podendo ouvir nem falar, nem por isso deixam, como Salomão, de «conversar» com Sulamite.

JORIO

Educação física

A TECNICA (2)

Vimos no artigo anterior dois exercicios que pretendem fazer boa camaradagem com o metodo de Ling, mas que na realidade estão em conflito aberto com a maneira do genial sueco.

Examinemos hoje mais duas manobras da mesma tecnica, a n.º 5 da 1.ª lição e a 4 da 2.ª: pernas afastadas, grande flexão do tronco á frente, endireitando sucessivamente com mãos aos quadris, mãos aos ombros, braços pendentes; o mesmo exercicio com insistencia na posição da grande flexão do tronco á frente (executar alternadamente um e outro exercicio). Que fim terá em vista toda esta charamela de movimentos? Talvez a elasticidade da columna e o avigoreamento dos seus extensores, mas o que na realidade se consegue é fortificar os musculos posteriores da coxa, chamados a intervir sem se dar por isso o consequente ainda perturbar a respiração e a circulação, ao passo que os extensores dorsais são alongados passivamente e, destendidos, o que é não só contrario ao metodo de Ling mas á saúde e ao vigor fisico. São os posteriores da coxa que sustentam o tronco, enquanto as visceras são comprimidas, a respiração incomodada, revelando-se pela congestão da face a desordem circulatoria, causada pelo esforço torácico-abdominal. Se houvesse um bocadinho de Ling em tudo isto, poderia aconselhar-se ao menos a concordancia entre as flexões e a expiração, para se atenuar o fenomeno do esforço, mas Ling mora muito longe da Dinamarca. Que fim se tem em vista?

Pouco ou nada incide sobre os musculos dorsais (as pernas afastadas permitem o levantamento do tronco, avançando os joelhos, sem trabalho destes musculos); só tem sentido para mobilizar a columna lombar, o que poderá ser aproveitavel em camponeses anquilosados, mas não em alunos das escolas, e secundarias. As oscilações (sempre as oscilações) são contrarias ao metodo de Ling, que tende a fixar para dar apoio aos musculos que trabalham no segmento em preparação. Pode prestar-se a exhibições espectaculares, mas é contrario á saúde, á fisiologia, ao metodo sueco, á filosofia de Lapalice, porque é contrario ao senso comum. Dobrar a espinha não é atitude nobre e correcta em educação física e muitas vezes tambem o não é em educação moral. Certamente que a educação se não faz de fora para dentro, mas as atitudes têm certa influencia na produção dos estudos da alma. Todos sabem a significação psicologica dos braços abertos ou dos punhos fechados.

Não habituemos a juventude a dobrar-se, ensinemo-la a manter-se de pé e muito aprumada, muito direita de corpo e de alma.

Isto, sim é educação. Tudo o que possa diminuir o vigor dos individuos, no fisico ou no moral, deve ser abolido. E' certo que autocratas não vêem assim as coisas: o nivelamento das capacidades, a uniformidade do tipo social, o fabrico em série agradam e são considerados elementos de ordem e facilidade de governo.

Pinhal do Rei

Pelo seu evidente interesse, publicamos esta carta:

Sr. director:—Como assiduo leitor do «Diário de Lisboa», li com interesse os artigos publicados pelo sr. Norberto de Araujo sobre o Pinhal do Rei, mais conhecido pelo Pinhal de Leiria, não resistindo á tentação de visitá-lo, o que já fiz, acompanhado de um amigo de nacionalidade francesa, que se encontra em Portugal, de passagem.

De facto, a descrição feita pelo sr. Norberto de Araujo é a expressão da verdade; tudo aquilo é lindo, tendo o meu amigo ficado encantado. Mas não é só a beleza natural que nos atrai; como estação de repouso, o Pinhal de Leiria, com a praia de S. Pedro de Muel, formam um todo que não se encontra segundo em Portugal, nem encontrei no estrangeiro, nos países que tenho visitado.

O nosso entusiasmo foi tão grande, que tendo saído de casa com a ideia fixa de voltar para jantar, resolvemos passar dois ou três dias em S. Pedro de Muel,

mas—e é neste «mas» que está toda a nossa tristeza—ao procurarmos um hotel ou uma pensão, deparámos com uma casa a que chamam pensão, mas onde faltam as mais elementares comodidades. A retrete é tudo quanto ha de mais primitivo, e casa de banho não existe. O resto pode V. calcular o que seja pelo que fica dito. Que pena!

Como tenho lido que o Estado anda construindo pousadas em sitios que oferecem condições para serem considerados de turismo, não podia V. chamar a atenção das entidades que têm a seu cargo o estabelecimento das tais pousadas, a-fim de se conseguir que, junto ao Pinhal e á praia, seja construida uma, dando assim algum conforto a quem aprecia tão lindo sitio?—De V., etc., Antonio dos Santos Arruda.

Tambem um amigo nosso, que vive rés-vés com o Pinhal, nos faz a seguinte pergunta:

—Porque não se busca aqui um terreno apropriado para acampamento da «Mocidade Portuguesa»?

O metodo de Montessori, para educar até aos 7 anos, produz a autonomia das crianças, dá-lhes o sentimento da dignidade e da independencia, a ponto de olharem com desdém os premios e as recompensas. O sistema Montessori espalhou-se nos dois mundos, mas, recentemente, as autocracias sentiram intimamente grande aversão por ele: em 1935 foi dissolvida pela Policia a sociedade Montessori, num país e no outro, que segue de perto as pisadas do primeiro, e em 1936 foi decretada a abolição de toda a actividade montessoriana. Nós sabemos que a doutrina não é nova; já Trassibulo, tirano de Mileto, a ensinou ao mensageiro de Periandro (do Corinto), sem dizer palavra: no campo de trigo cortou com a tesoura as espigas mais altas...

Em Portugal não se pensa desta maneira: nós entendemos que a sociedade deve apoiar-se no individuo. O presidente do Governo disse, na entrevista do «Daily Telegraph» de 5 de agosto de 1936: «nós respeitamos o individuo e acreditamos nos seus altos destinos». (We respect the individual and believe in his destinies). Ora não se respeita o individuo quando se restringe o seu valor e a sua capacidade de resistencia.

Consideremos finalmente o exercicio n.º 6 da 2.ª lição: pernas afastadas, mãos ás clavículas, torsão do tronco á direita e á esquerda, com extensão anterior do outro braço, torsão do tronco para o lado do braço estendido esquerdo e direito e retorno á posição inicial. O movimento de torsão brusco, acompanhando o braço que esse desloca no sentido antero-posterior, não pode ser senão prejudicial ás visceras e aos vasos interiores. Para que serve esta torsão? E' o gosto de curvar e torcer que se junta ao amor da oscilação. Em Ling ha a rotação sobre a bacia para fortificar os lombares e abdominaes, mas em Ling é outra historia, porque a rotação faz-se sobre a bacia fixa, ao passo que, na tecnica em questão, a rotação faz-se nas pernas sobretudo, e é isso o que vale para se amortecerem os efeitos do exercicio sobre as visceras e vasos interiores.

No aspecto educativo este exercicio não tem nada que se aproveite: não ha localização do movimento, ha diversos movimentos compensadores e de menor esforço, espalhados por varios segmentos. Tudo isto é contrario ao metodo de Ling. Serve para espectáculo, mas não serve para educar.

A manobra que consiste em saltitar e bater palmas tem a sua graça e portanto passa, como numero de representação em dia de festa. E' pouco, mas não faz mal.

Tudo isto é vistoso, panoramico e tem dinamismo, mas educar é alguma coisa mais que o pitoresco ou o dinamico que entusiasma as multidões. Ora, felizmente, ha gente capaz de tomar a sério as coisas sérias e a educação vale bem um esforço, feito a sério. E' tempo...

SERRAS E SILVA

Marlene sem rival

Marlene Dietrich, quando chegou ao Havre, disse aos jornalistas o seguinte:

—Sou hoje cidadã americana e por isso, segundo a lei, não tinha obrigação de pagar qualquer imposto sobre transferencia de capitais, antes da minha viagem á Europa. Como garantia do meu suposto delito ao fisco, entreguei as minhas esmeraldas, que valem 75.000 dolares.

Ao ouvido do jornalista, houve quem ciciasse:

—Ela era devedora de 160.000 dolares...

Marlene, elegante e bem disposta, fresca como uma rosa matinal, um tanto mais loura que no ano passado, reproduziu o gesto do «Indiferente» de Watteau, significando:

—Que me importa o fisco, se eu não posso ser diferente do que sou!

Opiniões da Imprensa

Sobre o Extremo Oriente

O «Figaro» diz:

«A Alemanha e a Itália fazem no Extremo Oriente o jogo da raça amarela contra a raça branca, a pesar de todas as declarações racistas. Esta atitude dá a medida da hipocrisia em que vivemos. Tarde ou cedo, porém, tanta inconsequência acabará por custar caro aos países cuja política obedece às reacções do orgulho ou a intrigas passageiras, sacrificando essas misérias os seus interesses permanentes e deveres de raça. Se a Alemanha e a Itália perderam o sentido das responsabilidades, os Estados Unidos descobrem-nos cada vez melhor, de dia para dia. Forma-se uma outra constelação para defender o que defendido tem de ser».

O «Petit Journal» entende:

«É necessário não perder de vista que os japoneses não obedecem, como se julga, à Alemanha, antes pensam jogar a sua própria partida como bons partidários que são da diplomacia do sagrado egoísmo».

O «Journal» escreve:

«Causam admiração as novas iniciativas militares japonesas, num momento em que a crise de Tien-Tsin, em pleno desenvolvimento, parece bastante grave para monopolizar a atenção do Estado Maior japonês. É de notar o vigor do protesto americano contra o bloqueio de Kulangsu. Se os japoneses pretendiam coligar as resistências não podiam ter enveredado por melhor caminho».

O «Daily Mail» afirma:

«Não há palavras bastante energéticas para exprimir a determinação dos ingleses em resistir à provocação dos japoneses. Tien-Tsin converter-se-á na pedra de toque da posição britânica no Oriente, se o tom arrogante dos militares japoneses passar a representar o ponto de vista oficial».

O «News Chronicle» declara:

«Não é possível que a situação continue sem acabar por ter os seus efeitos no prestígio duma Nação branca. Londres vê no desembarque japonês em Suatou um pormenor da campanha militar contra a China e da manobra de intimidação contra os ingleses».

Sobre a situação na Europa

O «Petit Parisien» frisa:

«O valor da posição turca, estrategicamente é de primeira ordem. A colaboração da França, da Inglaterra e da Turquia terá valor decisivo na conservação do «statu quo» na parte oriental do Mediterrâneo. Além disso, devido ao seu bom exercito, a Turquia pode, sendo preciso, auxiliar a Romenia e a Grecia, já ligadas a Ankara pelo Entendimento balcânico».

A «Epoque» considera:

«A viagem do ministro dos Estrangeiros do Egipto a Ankara será seguida da assinatura dum pacto de assistência entre os dois países, por seu turno seguido de um pacto igual entre o Egipto e a Grecia e acordos comerciais entre o Egipto e a Romenia, a Jugo-Eslavia, a Grecia e a Russia».

O «Daily Express» precisa:

«Strang e Seeds apresentaram ontem as ultimas propostas inglesas, que consistem numa garantia geral a todos os vizinhos da Russia, sem os nomear e no auxilio automatico em caso de agressão».

Carreiras de navegação

A bordo do vapor sueco «Venezia», do «Svenska Lloyd», fundeado no porto de Estocolmo, ofereceu a direcção da companhia um almoço em honra dos chefes de missão dos países europeus onde fazem escala os seus navios.

O barco encontrava-se embandeirado em arco, tendo no mastro da proa as bandeiras de Portugal, Espanha, Italia e Yugo-Eslavia.

Presidiu o presidente da Direcção sr. Bokman, que tinha á direita o marquês de Soragna, ministro de Italia, e á esquerda D. José Landicho, ministro de Espanha. A outra presidencia era ocupada pelo comandante do navio sr. Bernstedt, que tinha á direita o dr. Carlos Pinto Ferreira, encarregado de Negocios de Portugal, e á esquerda o sr. Miloutine Milovanovitch, encarregado de Negocios da Yugo-Eslavia. Os restantes lugares eram ocupados pelos directores da companhia e principais importadores suecos.

A mesa encontrava-se artisticamente decorada com flores e as bandeiras sueca e dos quatro países homenageados.

O director Bokman brindou pelas quatro nações representadas.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR

Realiza-se no proximo domingo, 25, das 14 ás 18 horas, no Liceu do Camo, a exposição dos trabalhos dos alunos deste estabelecimento de educação. A entrada é publica.

DE LUTO

Estevão Roberto Oneto

Na sua residencia, na rua dos Industriais, 25, 4.º, Dt.º, faleceu hoje o sr. Estevão Roberto Oneto, conhecido comerciante da praça de Lisboa.

O falecido era tio do sr. Antonio d'Assunção Oneto e da sr.ª D. Mariana Oneto d'Almeida Lima (ausente), e cunhado da sr.ª D. Maria Amelia Oneto. O seu funeral realiza-se amanhã, ás 17 horas, da morada acima para o cemitério dos Prazeres.

Anselmo Loureiro de Sousa

Na sua residencia rua Herois de Kionga, N.º 19, r/c. Dt.º faleceu o sr. Anselmo Loureiro de Sousa, de 53 anos, proprietário, casado com a sr.ª D. Conceição de Jesus Loureiro. O funeral, a cargo da agencia Salgado, realiza-se amanhã, pelas 10,30, para jazigo no cemitério do Alto de S. João.

SUFRAGIOS

D. Maria Francisca Beltrão Seabra Teixeira de Lemos

Na igreja da Encarnação celebra-se amanhã, ás 10 e 30, missa de sufrágio por alma de D. Maria Francisca Beltrão Seabra Teixeira de Lemos.

TRIBUNAIS

Tribunal Marítimo

Estão a ser julgados no tribunal marítimo, José Gomes da Silva e a sua amante, conhecida pela «Vanda», acusados de terem agredido, violentamente, no cais da Ribeira Nova, o marítimo Fernando de Sousa, o «Nordeste»; e Ruben Tavares Fontes, e Bernardino Soares, que responderam por ter espancado o arcaes Jorge de Sousa, da embarcação «B-393. T. L.» em Alhos Vedros.

Em Vila Franca de Xira

Realizou-se ontem em tribunal colectivo, na comarca de Vila Franca de Xira, o julgamento de Joaquim Antonio Vicente. O tribunal era constituído pelos srs. dres. juizes Toscano Pessoa, Salter Cid e Taborda da Silva.

A acusação publica estava a cargo do sr. dr. delegado Macieira de Resende e a acusação particular do sr. dr. Oliveira Santos, advogado em Lisboa.

Foram ouvidas 14 testemunhas de acusação e defesa. O reu, que era acusado do crime de homicídio frustrado, por ter disparado três tiros de pistola contra o proprietário José Domingos Henriques, da Vala do Carregado, quando desembarcava na estação do Carregado, tiros esses que produziram 50 dias de doença no ofendido, foi condenado em oito anos de prisão maior celular, seguida de degredo por doze, na alternativa de vinte e cinco anos de degredo.

O reu respondia tambem por um crime de furto e por uso de porte de arma sem licença.

O representante da acusação publica recorreu da sentença por dever do cargo.

Exercícios militares

Da Falagueira, onde se encontravam concentradas, seguiram hoje de madrugada a ocupar as posições de ataque previamente defendidas, as forças do batalhão de Caçadores 5, num total de 700 recrutas, que realizaram o ultimo exercicio de aperfeiçoamento.

Ao exercicio assistiu o comandante daquela unidade, sr. tenente-coronel Aparício, que verificou o grande aperfeiçoamento alcançado pelos recrutas, que no proximo dia 2 6passam a prontos.

Festas do «Colete Encarnado»

A marcação de mesas para o jantar dançante ribatejano de 8 de julho e para o espectáculo que se lhe segue, no mercado municipal de Vila Franca de Xira, faz-se na pastelaria Ferrari, na rua Nova do Almada, em Lisboa.

Império-Crisos-Aviz

Aeronautica

O «Atlantic-Clipper», inicia amanhã a viagem de regresso á America

Deve ter amarrado ás 17 e 30 na base de Cabo Ruivo, o hidro-avião «Atlantic-Clipper», que conduz oito jornalistas americanos, que completam a sua primeira viagem transatlantica, servindo de observadores. Outros tantos jornalistas que efectuaram a viagem para a Europa permanecerão alguns dias em Paris, aguardando a chegada de novo aparelho, visto terem sido encarregados de varias reportagens no «velho continente».

Pela primeira vez, um hidro-avião da Pan-American seguirá a rota do Mediterraneo, em direcção a Gibraltar, tomando o rumo de Lisboa.

Hoje, das 18 ás 20, o sr. ministro da America oferece na Legação um «cocktail» aos jornalistas americanos e portugueses, que servirá para troca de impressões entre os profissionais da Imprensa dos dois países.

Missão aeronautica á Alemanha

É esperada no dia 9 de julho, em Lisboa, a missão da aeronautica militar que se encontra na Alemanha.

A MUSICA

«Musica Pan-Americana»

Na Universidade Popular Portuguesa, realiza-se no proximo sabado, 24, pelas 21 e 30, um concerto de «Musica Pan-Americana», constituido por primeiras audições em Portugal e organizado pela sr.ª D. Ema Romero Santos Fonseca da Camara Reis. Neste concerto, precedido de conferencia pelo prof. sr. Emilio Costa, tomarão parte as sr.ªs D. Albertina Sauer (piano) e D. Isabel Pêgo Bergstrom (canto). A entrada é livre.

A «Aldeia em festa»

presta homenagem aos «viriatos»

A noite de amanhã na «Aldeia em festa», nos jardins do Palacio Camaride, á praça Duque de Saldanha, é consagrada aos «viriatos». O programa deve atrair ao lindo recinto milhares de pessoas que não se cansam de admirar a profusa e atraente iluminação, as caprichosas ornamentações de soberbo efeito e as inúmeras e interessantes barracas ocupadas por senhoras com trajes regionais.

Viajantes

Chega amanhã, 23 de junho, a Lisboa, pelas 8 horas, a bordo do «Jamaïque» o sr. conde Raoul de Gollerau, presidente da Liga da União Latina, de que é representante em Portugal o sr. professor Artur Trindade.

Desastres de viação

Faleceram hoje, no hospital de S. José, Orlando Ramos Lausador, de 4 anos, caçada da loba Hora, 194, 2.º, e Antonio Dias Margante, de 61 anos, avenida da Republica, 10, ambos atropelados por automoveis proximo das suas residencias.

RETIRO DA SEVERA

Telefone 25079

NA ESPLANADA - HOJE NOITE DA MODA

FADOS, CANÇÕES E GUITARRADAS
Maria do Carmo Tôres, Lucília do Carmo, Maria Raquel, Xavier Pinto, Modesto Maia, Armandinho, Jaime Santos, Santos Moreira e Abel Negrão.

Entrada 2\$00 Consumo 2\$50
Jantares ao Ar Livre por 12\$00
Primoroso Serviço à Lista

AMANHÃ - NOITE DE S. JOÃO - Grandioso Baile. Queima de Alcaçofras. Arrás doce. Sardinha assada e pimentos, mariscos, etc.

VERBANA POPULAR DE ARROIOS LARGO DO LEÃO

Bailes, fados, guitarradas e outras diversões. Hoje cantam Natália dos Anjos e Francisco Santos.

VERBENA DE SANTA CATARINA

(aos Paulistas)

Hoje: Ilda Silva, Domingos Silva, Natividade Pereira e António dos Santos. Baile e diversões

HOTEL DAS TERMAS RADIUM

Abre a 15 de Julho.

Diárias desde Esc. 30\$00

Tratamentos especificos para: Doenças do coração, lithiase renal, reumatismos cronicos, doenças do sistema nervoso, sciaticas, doenças da nutrição, hipertensão arterial, insuficiencias das glandulas de secreção interna. Desintoxicação completa do organismo — Banhos radio-activos e carbo-gasosos. Lavagens intestinais pelo aparelho STUDA CHAIR, unico em Portugal.

Informações: Soc. Agua Radium, trav. Marquês Sá da Bandeira, 12. — Armazem, 12. Tel. 47941.

A feira artistica

de «A Voz do Operario»

O espectáculo desta noite na esplanada de «A Voz do Operario», onde se realiza a feira artistica, apresentará um conjunto admiravel de numeros de sensação.

«Os 3 ao Retardador», deliciosa «charge» cinematografica numa admiravel realização de Luciano, Zetty e Maris, apresenta-se pela primeira vez na feira artistica, sendo aguardada com o maior interesse.

«Ruthar», «o boca de aço», homem que brinca com o fogo, fazendo demonstrações que, pelo seu impressionismo, subjugam as plateias, preencherá uma das outras partes do espectáculo, que encerrará com um grande acto da canção nacional a cargo de Adelina Ramos, Deolinda de Sousa, Jaime Silva e José Marques do Amaral.

Orquestra permanente, guitarristas e violistas, muitas barracas de diversões, «bar», pequeno restaurante, faturas, etc., além de uma iluminação profusa, instalação sonora privativa e recinto especial para baile completam esta esplendida organização.

AS QUE JÁ TÊM 40 ANOS



PARA SEREM SEMPRE

FRESCAS e VIVAS...

...tende cuidado com o vosso sangue

Sente-se envelhecer? O seu espelho começa a mostrá-lhe os efeitos dos anos? Não atribua isto só aos anos que tem, mas mais ao seu estado de saúde. Se tem as feições abatidas, má cor, o aspecto de cansada; se sente vertigens, palpitações; se está sempre abatida, nervosa, é que o seu sangue está alterado e a provocar atrasos as suas funções orgánicas.

Restituindo ao seu sangue a riqueza normal de globulos vermelhos e de ferro — seus elementos essenciais — restituirá a todo o seu corpo as forças e a saúde da juventude. Para conseguir este resultado tome Pilulas Pink.

Ensinaamentos práticos de uma experiência médica

Em 1934 o Dr. Brady, libertou 52 pessoas de um estado de anemia, nitidamente pronunciado, administrando-lhes apenas um tratamento de Pilulas Pink. O aumento médio, controlado, de globulos vermelhos, foi de 215.000 por milimetro cúbico. A maior parte dos doentes recuperaram peso e melhoraram, nitidamente, o seu estado geral, no fim da experiência.

É frequente, depois do tratamento de Pilulas Pink, voltar o apetite e as cores, ao mesmo tempo que se readquirem forças e boa disposição. Um sangue novo e rico assegura o equilibrio do organismo e da saúde.

PILULAS PINK

Vendem-se em todas as farmácias a Esc. 12\$00 cada frasco.

Importadores: João Machado da Conceição & C.ª, L.ª, 75, Rua da Conceição, 1.ª, Lisboa.

4 Mobílias — 3.500\$00

Quarto, casa de jantar, escritório e sala, 33 peças — Facilidades de pagamento.

ESTABELECIMENTOS MATEUS

156, R. S. Lazaro, 172 - Tel. 4 0538

MAQUINAS FOTOGRAFICAS

Serve qualquer, empregando películas VERITAS. No cam'no, na praia, em toda a parte o amador inteligente emprega sempre películas VERITAS.

A' venda em todas as casas da especialidade.

Preços:

4x6,5 rolo 5\$30 — copia \$40
6x9 " 6\$00 — " \$50
6x11 " 7\$50 — " \$70

Representante FOTO-ACHILES, Av. Almi. rante Reis, 1-1.º andar.
(aberto aos domingos)

Melhoramentos citadinos

Urbanização da Ajuda

Vai ser, brevemente, posta a concurso a urbanização da encosta da Ajuda, obra que tem por objectivo fixar a construção de imóveis, naquele local.

Os arruamentos projectados são numerosos e de larga perspectiva. Lisboa, verá assim aumentada a sua área, e aproveitado um dos seus arrabaldes mais aprazíveis, com uma linda vista do rio e uma larga exposição ao sol.

Obras do Parque Eduardo VII

A Camara Municipal já tem estudado o plano de aproveitamento dos terrenos do Parque Eduardo VII. Julgamos saber que vai ser traçada uma larga arteria, rodeada dum parque, que, ampliando a projecção da avenida da Liberdade, servirá ao mesmo tempo de logradouro a população, visto dentro dela não ser permitido o transito de veículos.

As obras deste importante melhoramento devem começar este ano.

Rectificação da avenida da India

São brevemente postas a concurso as obras de rectificação da Avenida da India, Praça do Império, e urbanização dos terrenos da Torre de Belem, trabalho de importancia capital, cujo custo deve atingir cerca de quatro mil contos, e que estão incluídos na Exposição do Mundo Português.

BOLSA DE LISBOA

22 de Junho

VALORES	Recolhido	Compra	Venda
Consolidado 3 3/4 T. 10.	—	—	—
Consolidado 4 1/2 T. 10.	981\$00	983\$00	984\$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.022\$00	1.021\$00	1.023\$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	—	1.125\$00	1.132\$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.045\$00	1.015\$00	1.047\$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10.	—	—	—
Externas 1.ª série	1.639\$00	—	1.630\$00
Externas 1.ª carimbadas	1.672\$00	1.672\$00	1.673\$00
Externas 3.ª série	—	1.666\$00	—
Externas 3.ª carimbadas	—	1.778\$00	—
Cautelas da 3.ª serie sfj.	—	150\$50	151\$00
Ações			
Esp. S.ª e Com. Lx.ª port.	—	—	—
Lisboa e Açores port.	—	343\$20	346\$00
Ultramarino cp T. 10	—	—	23\$00
Portugal port. T. 5	—	—	—
Fidelidade	—	—	—
Mundial	263\$00	262\$00	264\$00
Nacional	—	—	—
Sagres	—	—	—
Aguas Lisboa port.	—	—	—
Aguas Lisboa 1931 T. p.	—	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p.	—	—	—
Cervejas Estrela	—	—	561\$00
Cimentos Fejo	—	—	370\$00
Cimentos Leiria T. p.	—	—	340\$00
Credito Predial	—	—	—
Gás e Electricidade	243\$50	248\$00	249\$00
Alto Alentejo 1.ª 2.ª em.	195\$00	290\$00	—
Alto Alentejo 3.ª 1.ª em.	—	28\$00	29\$00
Industria Aliança	95\$00	94\$00	—
Portugal e Colonias	89\$90	89\$80	90\$00
Nacional Navegação T. p.	156\$50	156\$00	156\$50
Colonial de Navegação	—	51\$00	55\$00
Portuguesa de Pesca	—	38\$00	59\$00
Ind. Farmaceutica	—	275\$00	—
Portuguesa de Tabacos	364\$00	361\$50	364\$50
Tabacos de Portugal	277\$00	276\$00	280\$00
União Electrica Portug.	—	186\$00	—
Casseque	238\$00	236\$00	241\$00
Agricola das Neves	—	150\$00	153\$00
Agricultura Colonial	—	110\$00	113\$00
Açúcar de Angola	—	390\$00	393\$00
Buzi 1.ª emissão T. p.	45\$00	45\$00	45\$10
União do Principe	160\$00	161\$00	161\$00
Zambezia T. 25	—	14\$00	14\$30
Obrigações			
Norta de Portugal 5 % 10.	—	—	106\$50
C. P. 6 % 10.	194\$00	193\$00	195\$00
C. P. 6 % Beira Baixa	195\$00	194\$50	196\$00
Aguas Lisboa 4 1/2 cp.	—	84\$50	—
Prediais 5 % 1933	—	—	85\$00
Prediais 5 % 1937	—	90\$50	—
Prediais 5 % 1932 1.ª	—	90\$50	—
Prediais 6 % 1932 2.ª	90\$80	90\$50	—
Prediais 6 % 1934 1.ª 3.ª	90\$50	—	—
Prediais 6 % 1934 4.ª 6.ª	91\$50	91\$30	91\$80
N. l. Moagem 5 % 1.ª p.	—	92\$00	93\$00
União Elect. Port. 5 % 10.	—	103\$00	109\$50
União Elect. Port. 6 1/2 %	—	111\$50	113\$00
Buzi 5 1/2 % T. p.	110\$00	115\$50	—
Buzi 6 1/2 % T. p.	—	115\$00	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIAO, 6

CAMBIO

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110\$17	110\$19
New-York	23\$51,2	23\$55,9
Paris	\$62,2	\$62,4
Berlim	9\$43,0	9\$44,9
Madrid	2\$60,5	2\$61,0
Amsterdam	12\$48,2	12\$50,7
Bruxelas	3\$99,8	4\$00,6
Roma	1\$23,6	1\$23,8
Zurich	5\$30,0	5\$31,1
Rio de Janeiro	1\$37,5	1\$37,8
Libra ouro	—	—

Leia hoje o

fixe

A VIAGEM DE JORGE VI

Regressaram hoje a Londres

os soberanos britânicos

SOUTHAMPTON, 22. — O «Empress of Britania» conduzindo os soberanos britânicos fundeu neste porto. Começou a avançar vagarosamente pelo canal, escoltado por 4 «destroyers» e uma esquadilha de hidro-aviões. Ha uma certa bruma. Nas praias e rochedos da ilha de Wight, distinguiram-se milhares de veraneantes, que agitavam os lenços.

A anulação da parada naval, por ordem do rei, consternou as tripulações que haviam cuidado especialmente da cerimonia. Havia uma densissima multidão nos cais. Em volta dos arcos de triunfo levantados em honra dos soberanos notavam-se verdadeiros cachos humanos.

Em Londres a estação de Waterloo está também já cheia de gente e em volta de Buckingham Palace começa a afuir o povo. A bordo do «Empress of Britania» foi a primeira entrar a rainha Mary. Os soberanos que se encontravam no convés, acompanhados por suas filhas, desceram imediatamente a recebê-la. Acompanhavam a rainha Mary os duques de Gloucester e Kent. Assim que o barco acostou os aplausos romperam vibrantes.

Para se avaliar do entusiasmo da população basta dizer que famílias inteiras se instalaram no trajeto que percorrerá o cortejo real, com cinco horas de antecedencia, almoçando debaixo dos guarda-chuvas.

Eram 15 e 23 quando os soberanos desembarcaram. — (Havas).

Os preparativos para a recepção

LONDRES, 22. — Toda a nação se

preparou para aclamar os soberanos no seu regresso do Canadá e dos Estados Unidos. Logo de manhã Southampton foi literalmente invadida por uma enorme multidão. As ruas estavam engalanadas e eram numerosissimas as pessoas que ás 7 horas já haviam ocupado os seus lugares no percurso do cortejo real.

A recepção em Londres não será menos calorosa e as autoridades policiaes já tomaram todas as disposições necessarias para conter os milhares de londrinos que se devem aglomerar ao longo do percurso entre a estação de Waterloo e o palacio de Buckingham. As princezinhas Elisabeth e Margaret partiram da estação de Waterloo ás 8 e 50 horas, para Portsmouth. — (Havas).

A homenagem das princesas Isabel e Margarida

LONDRES, 22. — As princesas Isabel e Margarida chegaram ás docas de Portsmouth ás 10 e 30. Seguidamente, subiram para bordo do condutor de flotilha «Kempenfelt» que partiu ao encontro do «Empress of Britania». — (Havas).

A atitude da imprensa

LONDRES, 22. — Os jornais ocupam-se largamente, sob o titulo geral de «Benvidos» — da chegada dos reis de Inglaterra. Todos os jornais, sem distincção, da direita ou socialistas, felicitam os soberanos, pondo em foco, em todos os aspectos, o valor da viagem que fizeram a Canadá e aos Estados Unidos. — (H.).

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as sr.ªs:

D. Maria Isabel Leite Perry Braga da Cunha, D. Isaura Vaz Ferreira de Andrade, D. Maria Luiza Trigo Rava de Oliveira Belo, D. Helena de Arriaga Lane, D. Rosina Parreira Pinto de Carvalho da Costa e a menina Maria Ana Carlota Meireles de Canto e Castro.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso, dando á luz uma gentil criança do sexo feminino, a sr.ª D. Gertrud Thessen de Oliveira, esposa do sr. Alberto Ortigão de Oliveira.

Mãe e filha encontram-se, felizmente, bem.

A CARIDADE

Nos jardins do Liceu de Passos Manuel Principiam amanhã, como estava anunciado, continuando nos dias seguintes, os arraiais nos jardins do Liceu de Passos Manuel, organizados por uma comissão de senhoras da nossa sociedade cujo produto se destina aos pobres da freguesia das Mercês.

Durante as festas, os jardins estarão profusamente iluminados e haverá um recinto proprio para a dança, barracas de sortes e de «comes e bebes», numerosas surpresas e diversões proprias da quadra que atravessamos.

JANTAR ELEGANTE

O sr. Martin Sain, administrador da «Sagor», ofereceu um jantar intimo no Estoril-Palacio-Hotel, que decorreu animado e a que assistiram as seguintes pessoas:

Ministro da Romenia e esposa, dr. Ricardo Espirito Santo Silva, esposa e filha, mr. e madame Leon Syern, madame Santos Bastos e mr. Michel Camarachesco.

NA COSTA DO SOL

A tarde de domingo passado no salão de restaurante do Casino Estoril, durante o «Chá dançante», marcou pela animação e elegancia. Apesar do dia lindo, á hora do «chá», o salão oferecia um aspecto encantador, tendo dançado ao som de eximia orquestra «jazz-band» Almeida Cruz, grande numero de pares.

Em redor das pequenas mesas recorda-nos

No Casino Estoril

ter visto, entre outras, as seguintes senhoras:

D. Palmira de Andrade Ximenes Teles, D. Maria da Conceição Pinto de Moraes Sarmiento Cohen, D. Elisa da Camara Leme de Serpa Pimentel e filha, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Julia Pinto de Gouveia, senhora de Patacão, D. Georgette de Vasconcelos e Sá Ferreira e filha, D. Maria Antonia Homem de Sampaio e Melo, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Jacinta Gomes Barbosa e filha, D. Marta Pereira Cabral e filhas, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Ida Brandão, senhora do major Galhardo, D. Maria Cristina Rino Frois Pinto da Silva, D. Rosa Barroso Sobral Cid e filhas, D. Maria Rio de Carvalho e filha, D. Arcelina Moreira dos Santos, senhora de Calabresi e irmã, D. Clotilde Viana, D. Julia Gomes Vilar Costa, D. Adelaide Preto, D. Maria José Canas da Costa e Silva, D. Maria Maxima e D. Maria Amelia de Melo Arriaga Tavares, D. Luisa Maria Ferreira Cardoso Domestico, D. Ondina Cortegaza Alves e filha, D. Maria Amelia Pinto, D. Maria Alice Cardoso e Silva, etc.

NO CLUB BRASILEIRO

Nos terrenos e jardins da nova sede do Club Brasileiro, á rua Victor Cordon, realiza-se no domingo proximo, noite de S. João, um grandioso arraial popular organizado pela direcção daquela aristocratica agremiação.

Além dos divertimentos que são de uso nestas festas populares, haverá baile, que será abrihantado por duas eximias orquestras «jazz».

EM VIAGEM

Parte amanhã no «Carvalho Araujo» para S. Miguel (Açores) o sr. João Tavares.

Tem V. Ex.ª alguma filha para casar?

Se gosta do que é bom lembre-se da casa Aux Mille Parures.

47 — P. Restauradores

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

Hoje, Amanhã e Depois

FEIRA DE CARIDADE no Parque Eduardo VII

a favor dos pobres da Capital

HOJE—no palco aquatico—MANOEL MONTEIRO e MOREIRA DA SILVA

Marcha folclórica do Cadaval

EM FADOS, obsequiosamente:

MARIA ALBERTINA, Mario Silva e «Miudo da Ajuda»

Dancing, jantares e ceias-concertos, tombolas, carrousseis, hipismo, fantoches, bars, jogos, regatas, etc.

Entrada de automoveis, pela Rua Joaquim Antonio d'Aguiar

Após a guerra de Espanha

Queipo de Llano conta as suas impressões da viagem que fez á Alemanha

SEVILHA, 22. — O general Queipo de Llano falou aos jornalistas contando as suas impressões da viagem que fez á Alemanha.

Declarou que ficara com a melhor impressão do exercito alemão e que a autoridade do Fuehrer o impressionara. Acrescentou que os voluntarios alemães foram recebidos na sua Patria como verdadeiros triunfadores e que os officiaes alemães tinham feito os maiores elogios do Exercito espanhol, havendo mesmo afirmado que, de futuro, é preciso contar com este exercito em qualquer conflito que possa haver na Europa.

«A Alemanha—afirmou—conserva a sua serenidade em face das intenções das democracias que a querem cercar politica e economicamente. A Alemanha tem confiança na propria, no seu poderio e a sua força».

Finalmente, disse que depois das ultimas modificações da carta da Europa, o Reich tinha mais possibilidades de se bastar a si proprio. Terminou afirmando que Hitler sentia profunda afeição por Franco. — (Havas).

Os planos de Afonso XIII

ROMA, 22. — O secretario do ex-rei Afonso XIII declarou que este não tem quaisquer planos para voltar a Espanha num futuro proximo. Acrescenta que Afonso XIII passará o verão provavelmente na Austria, á semelhança dos anos anteriores. — (U. P.).

A defesa de Madrid contra ataques aereos

MADRID, 22. — Esta cidade será, dentro de pouco tempo, dotada de refugios para a população civil contra ataques aereos.

O ayuntamiento resolveu reparar a vasta rede de canos de esgoto que nos primeiros dias de assédio de Madrid foi inutilizada para comunicação clandestina entre as forças nacionalistas da Casa del Campo e da Cidade Universitaria e os simpatizantes nacionalistas, que estavam em Madrid. — (United Press).

Paul Reynaud recebeu Pétain

PARIS, 22. — Paul Reynaud, ministro das Finanças, recebeu o marechal Pétain, embaixador francês em Espanha. — (Havas).

Tauromaquia

Uma grande corrida em Evora

No dia de S. João, ás 17 e 45, realiza-se em Evora uma grande corrida, sendo lidados oito touros de Vaz Freire, pelos cavaleiros dr. Fernando Salgueiro e D. Vasco Jardim (Valenças), pelo matador mexicano Carlos Arruza, pelo antigo matador espanhol «Alé» e pelos bandarilheiros Agostinho, Segarra, Procopio e Moreira. As pegas estão a cargo do grupo de forçados de Evora.

Realiza-se no domingo um banquete de homenagem ao cavaleiro Antonio Luiz Lopes

E' no domingo que, no restaurante «Retiro da Severa», se effectua o anunciado almoço de homenagem ao notavel mestre do touro a cavalo Antonio Luiz Lopes, oferecido por uma comissão de amigos e aficionados.

Encontram-se já inscritas muitas pessoas. As inscrições podem ser feitas na sede do «Sector 1», na tabacaria Adamastor, rua 1.ª de Dezembro, 2-B, no Café da Brasileira, naquelle restaurante e na rua dos Fanqueiros, 111, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

D. Vasco Jardim e Arruza no Montijo

O Montijo tem no domingo dia grande de touros, com a corrida esplendidamente organizada, a favor da Misericórdia, para a qual o sr. Santos Jorge oferece oito touros de casta, puros e de tipo, que terão como principais lidadores o espada Carlos Arruza, o finissimo artista equestre D. Vasco Jardim, o grande peão Agostinho Coelho, o novel bandarilheiro montijense Augusto Gomes, que lidará nos três tercios um touro com embolação metálica, o cavaleiro praticante, do Montijo, Domingos Tavares Junior, o espada «Alé», os bandarilheiros Borba, Moça e Gorrão e o grupo de forçados setubalense, chefiado por Domingos Tavares.

Têm os bilhetes preços acessiveis (12\$00 na sombra e 6\$00 no sol) e baratos são os transportes, que estão assegurados por duas vias: pelo Terreiro do Paço-Barreiro, com ligação a auto-carros, ás 8, 11 e 5 e 14 e 15, e pelos vapores directos, do Cais da Ribeira, ás 9 e 30 e ás 15, com regresso ás 20 e 45.

A SESSÃO DA CAMARA MUNICIPAL

Os pavimentos de Lisboa

devem ficar reparados até 1941
o que custará entre 40 a 50 mil contos

A reunião publica mensal da Câmara Municipal de Lisboa presidiu o sr. engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho e compareceram nove vereadores.

As obras da Câmara

O sr. engenheiro Sousa Rego congratulou-se pelo que viu durante a visita aos trabalhos municipais. Falou do trânsito na avenida Almirante Reis, e expôs a conveniência de promover o estabelecimento de tarifas baratas para o transporte para os bairros afastados do centro da cidade, pois, assim, conseguir-se-ia um descongestionamento e um alargamento de Lisboa.

O sr. engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho agradeceu as palavras do sr. engenheiro Sousa Rego acerca das obras que a Câmara está a realizar na cidade — palavras tanto mais valiosas quanto é certo que partiam dum técnico. Quanto ao trânsito na avenida Almirante Reis, brevemente apresentará uma postura que, ao mesmo tempo que o regulará, poderá dar ao publico uma impressão de que seria o «trânsito ideal», numa grande arteria. Quanto aos preços de transporte para os bairros excêntricos, afirmou que o problema é motivo de conversas em curso, pois ao tratar-se das questões levantadas pela urbanização de diversas zonas da cidade e pela criação de novas arterias, procurar-se-á criar a população as possibilidades de morar naqueles bairros sem que o custo do transporte a sobrecarregue exageradamente.

As ratas da avenida

O sr. dr. Formosinho Sanches, depois de dizer que a rua Silva Teles está intransitável e que, devido á falta de pavimentação, a Maternidade tem constantemente invadidas pelo pó as suas salas, inclusivamente a de operações, chamou a atenção da Câmara para o seguinte facto:

Todos os dias se junta muita gente á volta dos lagos da avenida da Liberdade, levando bocado de pão, para atirar não ás aves, nem aos peixes — mas ás ratas que infestam os referidos lagos! E ha até estabelecimentos comerciais que enviam diariamente os seus empregados ao local, para se desempenharem dessa missão! Deve consentir-se isto?

O sr. presidente deu explicações: Assinada ha dias a escritura referente a uma faixa de terreno indispensavel, vai fazer-se agora a pavimentação da rua Silva Teles. Quanto ás ratas, o problema está a ser estudado, não só ali mas em toda a cidade; e, como em breve vai ao estrangeiro, em viagem de estudo, o engenheiro chefe da repartição da Limpeza, procurará, nos países que percorrer, tomar conhecimento dos processos utilizados para o combate aos perigosos animais.

Os jardins de Lisboa

O maestro Ivo Cruz afirmou que, num meio onde só é costume dizer mal e apontar defeitos, é conveniente expôr as impressões agradáveis que se tenham de quaisquer trabalhos; quer, por isso, destacar a admiravel impressão com que ficou da visita ás obras municipais em curso, não só pelo seu volume e pelo seu caracter, mas pela sua utilidade para a cidade e para a economia nacional, e pela rapidez com que estão a ser executadas — o que demonstra não só que ha um plano ordenado, mas que ha técnicos que velam zelosamente pela sua realização. Citou, para elogiar, a experiencia architectonica de modernização do estilo português, realizada no bairro recentemente construído pela Câmara. Salientou a grandiosidade da obra do aeroporto, felicitou-se porque a Câmara vai remodelar os jardins publicos, pediu que fosse estudado o problema das escadarias incomodas, penigosas e inestéticas, e elogiou as festas levadas a efeito pela Câmara em 1 de maio, especializando o concerto no Gimnasio.

O sr. presidente agradeceu as palavras proferidas, anunciando que já se está a proceder á remodelação do jardim da Estrela e que em breve se fará o mesmo quanto ao do campo dos Martires da Patria, sobretudo com o fim de dar facilidades ao trânsito naquele largo:

—Em todos os casos, porém, procurar-se-á salvar as arvores e tudo quanto de bom exista nos jardins.

O transito da calçada de S. Francisco

O sr. Francisco Marques chamou a atenção da Câmara para o transito na calçada de S. Francisco — que é difficilissimo, apenas porque alguns predios o estrangulam. E pediu que fosse estudada a forma de derrubar esses predios — o que muito facilitaria o descongestionamento do transito da Baixa. Voltou a acentuar a conveniencia de acabar com o engarrafamento do transito sob os arcos existentes no viaduto de Entre-Campos.

O sr. presidente disse que ambos os problemas estão a ser estudados e serão resolvidos — a seu tempo.

O estado das ruas de Lisboa

O sr. engenheiro Luiz Costa afirmou que o estado de muitos pavimentos da cidade é indigno dela. Apontou, por exemplo, as ruas transversais da Baixa e as laterais das avenidas da Liberdade e da Republica. Falou ainda do problema dos candeeiros, dos abusos de certos construtores que ocupam com materiais grande parte dos passeios, e das velocidades loucas que atingem na capital automoveis e camiões.

O sr. presidente declarou que está feito um estudo completo dos pavimentos da cidade e do seu estado, bem como um calculo das despesas que é necessario fazer para os reparar. Essas despesas serão de 40 a 50 mil contos — e este dinheiro não pode ir buscar-se a orçamentos ordinarios:

—Por isso, encara-se a hipotese de uma operação de conjunto que permita a execução de tais trabalhos, por exemplo até 1941, respeitando a ordem de urgencia dos mesmos trabalhos.

Terminou dizendo que se procura dar maior rendimento luminoso aos actuais candeeiros.

Carroças e carros de mão

Passando-se á ordem do dia, o sr. Julio Martins disse a sua opinião sobre a concessão de licenças camararias para carroças e carros de mão, e que se pode resumir assim: Deve permitir-se o uso de tais veiculos em determinadas zonas e em certas horas; e os carros de mão devem ser modernizados.

O sr. presidente disse que, tendo sido enorme a diminuição do numero de carros de mão nos ultimos dez anos, é boa altura de a Câmara legislar sobre eles. Quanto ás carroças, não se pode ir para soluções mais radicais que as de hoje. E' melhor dar tempo ao tempo.

O sr. Julio Martins manifestou a sua opinião de que haveria conveniencia em regular, pelo mesmo diploma, a marcha de «todos os veiculos de marcha lenta» dentro da cidade.

O sr. presidente disse que desde que os mercados abastecedores da cidade, sejam colocados, nas entradas desta, poderá ser proibido o transito de carroças em Lisboa.

—De resto, a Câmara utiliza ainda quatrocentas carroças. Como teria autoridade moral para proibir o seu uso pelos particulares?

A proposta do sr. Julio Martins foi aprovada.

O premio «Julio de Castilho»

O sr. presidente comunicou a criação do premio «Julio de Castilho», no valor de 3.000 escudos, a atribuir, em 1939 e 1940, á melhor obra impressa em português sobre o passado ou o presente de Lisboa, publicada em Portugal ou no estrangeiro nos referidos anos — e leu o respectivo regulamento.

Em nome de toda a vereação, o maestro Ivo Cruz congratulou-se por tão bela iniciativa, dizendo que tais premios representam, além duma compensação material, um grande estímulo moral. E pediu que, ao estabelecerem-se novos premios, se destine um á melhor obra musical.

Os lixos da cidade

O sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho falou de dois aspectos do problema dos lixos: o do seu transporte e o da sua transformação.

—O que fazer ao lixo? — perguntou — O actual sistema não pode manter-se.

Explicou ser conveniente que o sr. Jaime Pereira, engenheiro chefe da repartição respectiva, vá ao estrangeiro estudar o que lá fora se faz em tal materia. E apresentou uma proposta, que foi aprovada, depois de palavras, de muita satisfação, do sr. dr. Formosinho Sanches:

—Tenho, agora, esperanças de ver resolvido o problema dos lixos de Lisboa.

Por fim, foram ratificados pela Câmara diversos actos praticados pelo presidente, no intervalo das duas sessões publicas — um dos quais foi a abertura do concurso para os arruamentos da encosta da Ajuda.

Os melhores e os mais agradáveis chás

Não deixe de ir tomar chá, das 17 ás 19 horas, á Antiga Confeitaria Rosa Araújo, na rua de São Nicolau, 44-48 (Aptofone 24701). Servem-se almoços, das 12 ás 15, e lanches para baptizados, casamentos, etc.

PROFISSÃO DESCONHECIDA

Os senhores sabiam, po

que existia o «pi

A vida humana não anda, apenas, á superficie do planeta. Trabalha lá em baixo, nas entranhas da terra, nos jazigos da hulha negra, nas cavernas resplandecentes de ouro, ou, então, nos velos tortuosos do minerio, com que tanto se fabricam instrumentos de guerra, como de paz.

O homem trabalha em todas as condições. O seu poder de adaptação é qualquer coisa de extraordinario. Tem uma capacidade rara de sofrimento, servido por esta força admiravel que se chama — energia. Entre as profissões humildes, e como que desherdadas da fortuna, ha uma terrivel, que se esconde nos intestinos de cobre e aço dos navios. Dá pelo nome pitoresco de «picanço», e, na maioria dos seus aspectos, só pode ser exercida por menores.

Suba o leitor, como nós, esta manhã, a estreita prancha que liga o «Cunene» ao cais da Alfandega. O navio é de carga, e parte, amanhã, num largo roteiro para a America do Sul. A sua primeira escala é Montevideu, uma cidade nova, que nasceu sobre as aguas do rio La Plata, no tempo em que as Caraibas, ao norte, andavam infestadas de corsarios. Um navio de carga é diferente dum super-atlantico. Não, apenas, por ser mais pequeno e não transportar estrelas de «short», á hora do banho, e milionarios, alimentados a leite e a sôro, com a sua pesada e inutil riqueza, que, apenas, lhes serve de mortalha. E' sempre um navio encardido de carvão, com restos de estiva, no convez, tanques carregados de lastro, e escotilhas a abarrotar de mercadorias. Cada tripulante, franco e rude, tem a mascara risonha e tostada dum Spencer Tracy. O mundo para eles é pequeno; o coração é grande.

Pois é no «Cunene» que vamos surpreender os miúdos do «picanço». E' a gaudala da cidade, ladina, esfarrapada, mas com um belo sorriso de alegria. Vão aonde os homens não chegam. Aproveitam-lhes o corpo franzino e flexivel, para descascarem as caldeiras do seu sarro acobreado de ferrugem. São os ratos do vapor parado, á limpeza. Trabalham nas entranhas do barco, ora sob uma temperatura elevada, de fornalha, ora transidos de frio, batendo o queixo, nas «siberias» lamacentas dos tanques.

Descemos com eles, por um buraco estreito, onde os braços têm de ser levantados, até ao amago da caldeira. E' um bojo avermelhado, cortado no sentido da maior extensão, por centenas de tubos, duma altura de dois andares. Aquilo mete medo! A respiração começa a ser difficil, para quem vem do ar livre.

Mas para eles, não; estão acostumados.

O José, de Alfama, um garoto ladino, que tem lume nos olhos, diz-nos: —Cuidado! Meta-se aqui; tem mais espaço...

Temos, mas o ar envelheceu. O oxigenio deve ser pouco. As veias azues, bruxoleiam, indecisas, como que sufocadas, tambem. Como gatos, os «picanços» enroscam-se pela tubagem, metem-se por misteriosos escaninhos; por vezes, tendo apenas quarenta centímetros de altura, e ficam ali, agachados, sob o martelar terrivel, meia hora ou mais. Os timpanos resistem; mas os olhos menos. Os olhos, que impedem as particulas de ferrugem de se cravarem na pupila, fazem um calor atroz.

Nenhum resiste. Puxam os vidros para a testa, e com a picadeira vão descascando as chapas grossas de ferro. Um desce lá para baixo verticalmente, no meio daquele emaranhado de intestinos; outro, como uma aranha, refugiou-se num canto; um terceiro, e um quarto, a duo, passam a raspadeira pelo fígado duro e rigido da caldeira. Mas outros desapareceram lá, no abismo de ferro, onde uma fuga de vapor resfolga, deixando pingar insis-



Aspecto exterior da caldeira dum navio de guerra.

tentemente, uma gôta fina, nervosa, consecutiva.

E' um trabalho infernal, pior que nas minas, onde, ao menos, ha espaço, se pode mexer os braços, levantar a cabeça, estender as pernas, no silencio da terra. Ali não, os martelos picam constantemente o ferro, num ruído cavo, estridente, e os corpos ficam esculpidos na mesma contorsinada atitude, quartos de hora que são seculos.

Tem de se andar de rastos por baixo das fornhalhas, ou dentro destas, tumulos de ferro, de grossas e baixas arcarias de tubagem.

Aos doze anos, a maior parte dos pequenos operarios já não serve. Cresceram muito. Por isso, são utilizados os mais franzinos ou enfezados. A ferrugem anda no ar, entranha-se-lhes nas narinas, e seca-lhes a garganta. Para outros, seria o martirio. Nos «picanços», é um habito. E o habito — é uma segunda natureza. O ruído infernal continua, num tam-tam de batuque. Aquilo torna-os incomunicaveis. A um metro não se ouve. Cada vela azul, bruxuleando no ventre da caldeira, é uma vida, uma alma, oito, dez anos, ganhando, duramente, a vida. O descasque prossegue até ao meio dia.

—Já estamos na hora do almoço?
O José:
—Ainda não!
—Como sabes, se não tens relógio?
—A barriga dá horas! — sorri ele, vermelho da borra do ferro, como um «s'oux», do Colorado.

Deixamo-los! Eles ficam, e nós, como no «Thetis», afundado, queimamos já todas as reservas de oxigenio do recinto.

Falta uma hora para a comida. Vamos agora ás fornhalhas, bocarras que, como guelas de ples-saurios, devoram toneladas e toneladas de metalha negra. Uma está acesa. Um tronco nu remexe com a alavanca do fogo, montanhas de brasas vermelhas, com toques de ouro em fusão. As outras duas estão vasias. Tambem ali se trabalha, por debaixo do cilindro da caldeira, numa lama viscosa, feita de agua, de pó de carvão e de fuligem. São os mais pequenos, estendidos ao comprido, com o

Defesa da saúde publica

Tribunal Colectivo de Generos Alimentícios

No Tribunal Colectivo de Generos Alimentícios foram condenadas a Sociedade de Padarias e a Companhia Nacional de Alimentação, que eram defendidas pelos seus advogados, respectivamente, os srs. drs. Homem de Sá e Adolfo de Andrade, em 500\$00 cada uma e imposto de justiça por serem reincidentes na fabricação de pão com falta de peso. Foi tambem condenado em 200\$00 o comerciante Luiz Carlos Gomes, de Lisboa, por ter á venda queijo em mau estado.

r acaso,

canço?»?



rio onde os rapazes fazem o trabalho canço»

cotovelo do braço direito ligeiramente apoiado, para pincar a chapa. Tubos por cima, tubos por baixo, como espaldarés de ginástica, obrigam-nos àquela imobilidade, no meio das trevas, perfuradas pela chama da esteirina azul—é com esta cor que a C. U. F. diferencia as velas que consome nos seus serviços.

—Tu como te chamas?

—Anh!

O rapaz não ouviu. Faz um sinal, Morse deles, três pancadas secas, na parede, e os outros «picanços», empo-lejados nos tubos, lá em cima, ou, como larvas, nas curvas daquele labirinto, calam-se.

—Diga, meu senhor?

—A tua graça?

—Manuel!—responde a pequena salamandra.

—E quanto ganhas?

—7\$60! Os homens ganham mais dezasseis escudos. Quem me dera ter já vinte anos!

—Porquê?

—O picanço para os homens é melhor. Ganham mais, e não têm, como nós, de andar de rastos.

Da parte superior da fornalha, nasce o órgão do fogo, toda aquela tubagem complicada, por onde corre a chama, e os gases em combustão, que nós vimos em cima, e que faz vaporizar a água, onde estão imersos. A fornalha—é o coração humano do navio; as caldeiras, com os seus tubos, o sistema arterial, por onde circula, não sangue, mas calor, a transformar-se em equações de movimento.

Meio dia, na igreja de S. Miguel, em Alfama. Meio dia na sirene duma fábrica próxima. Doze badaladas na sineta de bordo. Os «picanços», ageis como ratos, saltam dos seus alcapões de magia. Vêm do fundo da vida, das entranhas incandescentes do barco. Antes de meter á boca a caneca de água, bebem avidamente a luz do sol enchando com ele, os foles encinzeirados dos pulmões. De negros—parecem blocos de antracite. Os dentes todavia, são mais brancos e os olhos mais vivos. E' o que os torna iguais a mim e a ti, leitor—na sua condição humana!

A VIAGEM PRESIDENCIAL

continua a decorrer normalmente

As notícias chegadas durante o dia de hoje ao ministério da Marinha, do comando da divisão naval que escolta o sr. Presidente da República, dizem que a viagem continua a decorrer normalmente e com bom tempo, que o Chefe do Estado e a sua comitiva se mantêm de excelente saúde e que o cortejo deve estar amanhã, pelas 13 horas, diante do porto de S. Vicente de Cabo Verde, onde entrará uma hora depois. Amanhã, ás 18 horas, o «Colonial» larga para a cidade da Praia, onde chegará no dia seguinte de manhã.

A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Os acôrdos entre a França e a Turquia

são amanhã assinados em Paris e Ankara

PARIS, 22.—E' amanhã á noite que são assinados em Ankara e Paris os acôrdos franco-turcos. O acôrdo relativo ao «sandjak» de Alexandreta será assinado em Ankara e o acôrdo relativo á assistência mutua entre os dois países, em Paris. A declaração da França segundo a qual não alienará a independência da Síria, enquanto durar o mandato, será notificada em 24 ao governo turco pelo embaixador francês na capital da Turquia.—(H.).

As negociações de Moscovo

MOSCOVO, 22.—A «Tass», no seu comunicado a respeito da conferencia realizada ontem entre Molotov, Seeds, Naggiar e Strang, declara que nos círculos soviéticos se considera que as novas propostas anglo-francesas não marcam progressos relativamente ás precedentes.—(Havas).

MOSCOVO, 22.—A nova entrevista entre Molotov, os embaixadores frances e inglês, e Strange, realiza-se ás 17 horas. Nesta entrevista o commissario russo deverá entregar a resposta do seu país ás novas propostas franco-inglesas.

O conteúdo dessa resposta já foi indicada pelo comunicado da «Tass», o qual diz que as propostas nada apresentam de novo. Mas as esferas francesas e inglesas não parecem muito impressionadas com o tom bastante seco do comunicado. E' de notar, de resto, que as negociações estão a caminhar com rapidez.—(Havas).

O marechal Balbo declarou que a Libia constitue uma ameaça para as democracias

ROMA, 22.—O marechal Italo Balbo, em entrevista concedida á «United Press», declarou que a Libia dá á Italia uma posição firme e segura no noroeste de Africa permitindo-lhe estreitar o contróle no Mediterraneo central com a utilização de submarinos e aviões.

A Libia, de Tripoli a Tobruk, com magníficos aeródromos militares, quartéis, estradas militares e fortificações costeiras, disfruta duma posição privilegiada. Situada entre a Tunisia e o Egipto, a Libia representa uma ameaça para as democracias, não sómente em Africa e no Mediterraneo.

Uma estrada asfaltada numa extensão de 1.250 milhas ao longo da costa, desde a fronteira egipcia até á tunisiana, permite á Italia mover com extraordinária rapidez e segurança as suas forças militares.

O marechal Italo Balbo disse: «A população branca da Libia é de 250 mil pessoas, mas antes do fim do corrente ano espero aumentá-la. Os colonos são na generalidade jovens milicianos fascistas que dum momento para o outro podem ser convertidos em excelentes soldados».

A presença destes soldados-colonos na Libia dá a Mussolini a certeza de que nesta colonia há permanentemente um exercito pronto para todas as contingencias.—(United Press).

A colaboração das esquadras do «eixo»

ROMA, 22.—O almirante Cavagnari, que teve com o almirante Raeder, na Alemanha, importantes conferencias, regressa hoje a Roma. A Imprensa italiana, publicando o comunicado de Berlim sobre a conferencia dos dois almirantes, precede-o dos titulos seguintes: «Colaboração das esquadras do «eixo». «Perfeita identidade de vistas».—(Havas).

As consequências da viagem de Gafenco

BUCARESTE, 22.—A Imprensa romana, com motivo do regresso de Gafenco, da sua viagem a Ankara e Atenas, põe em foco a importância desta viagem. Gafenco conseguiu—dizem os jornais—conciliar o ponto de vista da Yugo-Eslavia, que receava, por conselho do «eixo», que os acôrdos anglo-franco-turcos fossem incompatíveis com o acto Balcanico, com os pontos de vista dos outros países balcanicos, principalmente da Turquia e da Grecia. Conseguiu-se assim reforçar a vi-

talidade do Entendimento balcanico e a sua independencia.—(Havas).

O discurso do dr. Goebbels

BERLIM, 22.—Nota-se que no texto oficial do discurso de Goebbels não figura a frase «apenas conhecemos um objectivo: queremos reconquistar tudo quanto nos pertenceu na historia». Esta frase foi ouvida «in loco».—(Havas).

Em Italia tornou-se obrigatória a compra de mascaras anti-gás

ROMA, 22.—O governo decretou a obrigatoriedade para cidadãos de adquirirem mascaras anti-gás; até o dia 6 de julho o custo de cada uma será de 32 liras, aumentando, depois, de um mês, 10 por cento, e nos seguintes, cinco por cento.—(United Press).

O pacto germano-letão

RIGA, 22.—O governo letão ratificou o pacto de não-agressão germano-letão assinado em Berlim.—(Havas).

A revisão da lei de neutralidade nos Estados Unidos

WASHINGTON, 22.—A maioria dos senadores mostra-se pouco entusiasmada para discutir o projecto de revisão da lei de neutralidade, revisão apoiada por Roosevelt. Desta forma parece que o Senado virá a interromper os seus trabalhos, sem ter discutido a revisão. Com efeito, a comissão senatorial dos estrangeiros adia, de semana para semana, o seu exame. Todavia, a administração não se mostra muito preocupada com o caso, porque a Camara já votou a revisão e assim aprovou a politica de Roosevelt. Esta aprovação é de resto um aviso—considera-se aqui—pois em caso duma agressão está facilitada a rapida revisão da lei pelo Senado.—(Havas).

A doutrina de Monroe e os seus aspectos actuais

NOVA YORK, 22.—O senador americano Thomas. (senador democrata pelo Utah) sugeriu que o Canadá seja incluído nos tratados pan-americanos dos Estados Unidos, porque—disse—«a doutrina de Monroe deixou de ser unilateral para se tornar pluri-lateral em muitos dos seus aspectos».

Sublinhou igualmente que a defesa do Pacifico pelos Estados Unidos compreende as costas canadianas, aduzindo: «O nosso sentido de segurança baseia-se na dedução de que o «contrôle» do Atlantico está em mãos inimigas».

Referindo-se depois ao Extremo Oriente, Thomas declarou:

«Podemos fazer três coisas: 1.ª—Anunciar que estamos prontos a entabular consultas; 2.ª—Emprestar dinheiro á China; 3.ª—Recusar emprestimos ao Japão. (Creio—friso—que esta attitudo levaria o Japão a entrar em consultas, porque estou certo que aquela nação está esgotada com a sua aventura na China). Todos os oradores sublinharam a necessidade de se pôr um dique á expansão do fascismo, por todos os meios, na Europa e na Asia.—(Havas).

A influencia dos Estados Unidos na America do Sul

NOVA YORK, 22.—«O melhor meio de combater os acôrdos de trocas entre o Reich e as nações da America do Sul é recorrer á redistribuição dos «stocks» de ouro sob a forma de emprestimos»—declarou hoje James Carspn, membro de «Panamá Union», num discurso pronunciado no «Rotary Club» de Brooklyn.

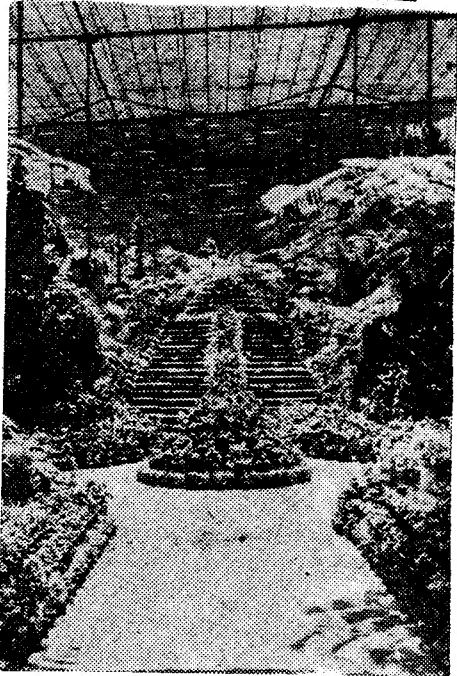
O orador afirmou que o futuro dos Estados Unidos estava na America do Sul e fez um apêlo á assistencia para que insistia junto dos representantes do Congresso no sentido de se aumentarem os poderes do Banco de Importações e Exportações para que este facilite os emprestimos. Carspn lembrou que os recentes emprestimos ao Brasil e ao Paraguai constituem o primeiro passo para o aumento da influencia dos Estados Unidos na America do Sul e contribuam para o desenvolvimento das riquezas naturais daquelas duas nações.—(H.).

Uma exposição

Begonias em flôr

na Estufa Fria

do Parque Eduardo VII



Um aspecto da exposição

As begonias, que foram sempre uma planta friamente decorativa, reabilitaram-se agora no reino floral. Ha um ano apareceram os primeiros exemplares, ensaios tímidos de pétalas e de coloração, obtidos com dificuldade pelos jardineiros camararios. Este ano, porém, estamos em face duma verdadeira parada de beleza, a que hoje passou revista o presidente do Municipio, sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, acompanhado dos vereadores.

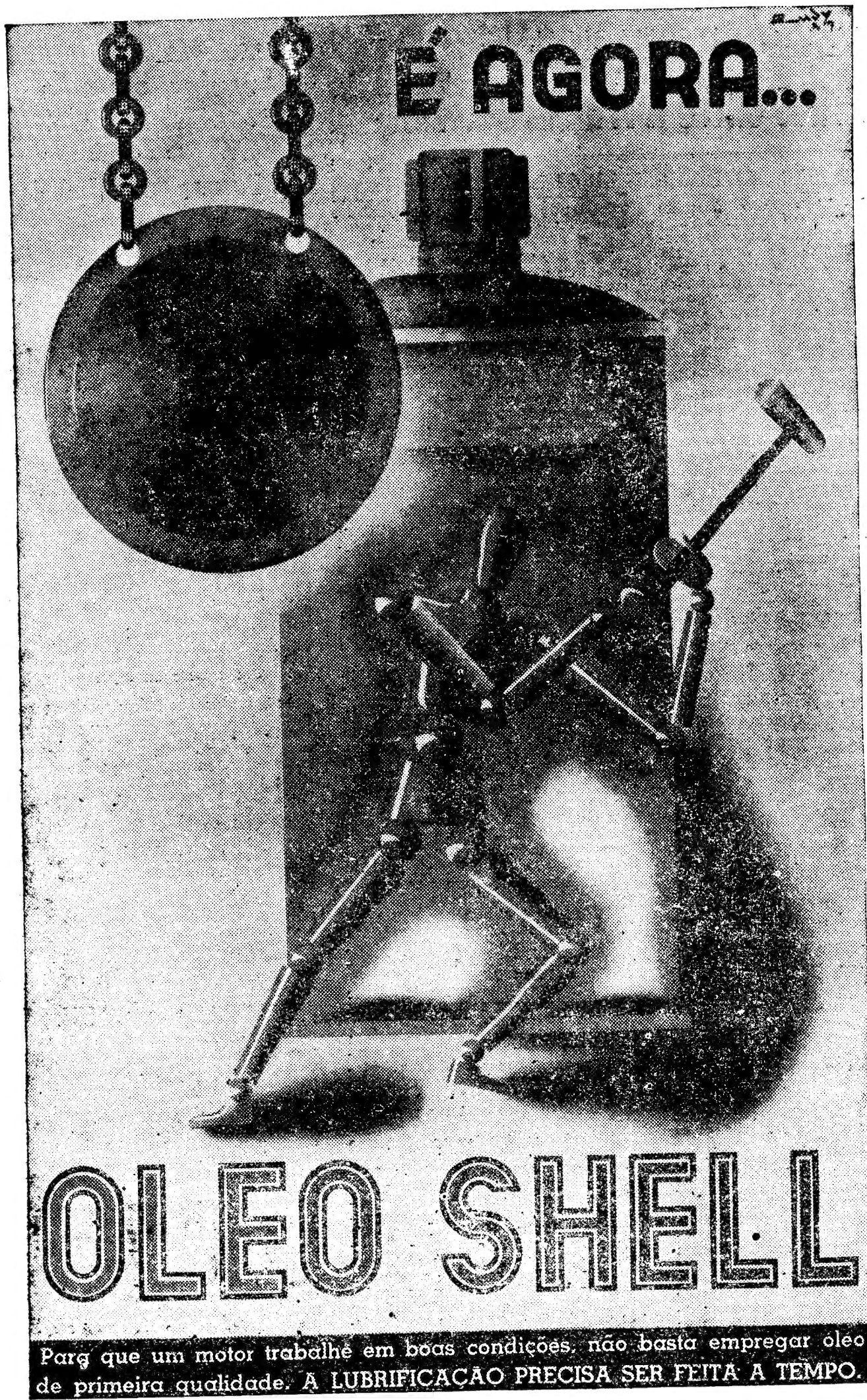
No «decor» tropical da estufa fria, no Parque Eduardo VII, que se abre agora, em largas perspectivas vegetais, numa teoria de vasos, que debriam os caprichos dos canteiros, ou rasgam avenidas, nas altas areadas, milhares de begonias oferecem-nos as suas flores vermelhas, amarelas e brancas, numa fantastica variedade de tipos. Perdôa-se a sua falta de personalidade, pela espontaneidade das imitações que oferecem. Umas parecem camelias rubras, poucas pétalas, mas, nitidamente, recortadas; outras, cravos vermelhos de papel, a pedirem, tafues, um mangerico e uma quadra; outras ainda, dalias escarlates, muito encanudadas e frisadas, como os cabelos das raparigas modernas. O encarnado é, ao que parece, a cor que, mais facilmente, se obtém. Mas também ha begonias de flores douradas, extravagantes como orquídeas, e botões de neve, duma ligeireza de borboletas. E' interessante dizer que as begonias fanerogamicas diferenciam-se, como o dia da noite, das criptogamicas. Enquanto nas primeiras a folha é larga, carnuda, duma cor de bronze, como que recamada de prata velha; nas segundas, as folhas são pequenas, dum verde claro e uniforme. O seu parentesco conserva, apenas, como identidade o caule roseo e penugento.

O sr. presidente da Camara percorreu, demoradamente, a linda exposição, que honra os viveiros da Camara Municipal, chamando a attenção dos visitantes, para os melhores exemplares, que se podem contar por centenas.

No final foi oferecido um «Porto de honra» aos jornalistas portugueses e estrangeiros, tendo o sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, em breves palavras, agradecido a comparencia dos visitantes.

IMPERIUM SALÃO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T27527

É AGORA...



OLEO SHELL

Para que um motor trabalhe em boas condições, não basta empregar óleo de primeira qualidade. A LUBRIFICAÇÃO PRECISA SER FEITA A TEMPO.

Substitue a pintura

BONDEX
IMPERMEÁVEL
CIMENTO COLORIDO

Substitue o estuque

para decorações interiores e exteriores
Duração eterna
Impermeável
Económico

Distribuidores: BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138 - LISBOA

Agência no Norte: SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216 - PORTO

HAVAS

Bôlbo Capilar

Restitue cabelos aos calvos, suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. É ao mesmo tempo um requintado produto de toucador, perfume incitante e persistente, dá brilho e fixa, dispensa brilhantinas aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco, embalagem de luxo c/250 gr. para mais dum mês, 17\$50.

A venda na Sociedade Industrial Farmaceutica, Rossio, 31 e 33, nas boas farmácias e em todas as drogarias da Baixa.

Telef. 4 6526

PROVAS: Estão expostas algumas fotografias na montra da Drogaria Centeno & Neves, rua da Prata, 264-266, de pessoas curadas com o BÔLBO CAPILAR de enormes e horríveis causas.

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusto, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas grátis
BASILISA PEDROSA

IGREJA LUSITANA

Começou hoje, no salão da igreja de S. Paulo, aos Marianos, e prolonga-se até ao dia 25, o I Congresso da Igreja Lusitana católica, apostólica, evangélica. Haverá uma recepção aos congressistas. Em seguida é inaugurada uma exposição e servido um «chá» aos congressistas.

Amanhã, às 10 horas, realiza-se uma romagem às sepulturas de alguns pioneiros da Igreja Lusitana. Às 16 horas, ha uma sessão de trabalhos e às 21, sessão plenária.

FOOT-BALL

Final da Taça de Portugal

Horario dos comboios da Sociedade «Estoril»

Partidas do Cais do Sodré: 16 e 23; 17 e 23, chegando a Belem, respectivamente, às 16 e 32 e 17 e 32.

Partidas de Belem às 19 e 59, 20 e 24 e 20 e 55 chegando ao Cais do Sodré, respectivamente, às 20 e 8, 20 e 33 e 21 e 4.

Além destes comboios do horario, a Sociedade «Estoril» fará todos aqueles que se tornem necessários.

Preços do Cais do Sodré a Belem ou vice-versa: em 3.ª classe \$85; em 2.ª classe \$50.

NA SUA PRÓXIMA VIAGEM AO PORTO

vá confiante...



...será bem tratado!

Completamente remodelado nas suas instalações, com água quente e fria em todos os quartos, esmerado serviço de cozinha e copa e a meio minuto da estação do Porto encontrará o

HOTEL ALIANÇA

Rua Sampaio Bruno, 53
Telefone 224 PORTO

COMARCA DE LISBOA

Tribunal Judicial da 2.ª Vara

ANUNCIO

Tendo-se anunciado, nos termos do parágrafo único do art.º 134 do Decreto n.º 21287 e por publicação no «Diário de Lisboa», de 9 e 10 de Março do corrente ano, a distribuição à 4.ª Secção, desta Vara, do processo de interdição, por demência, requerido por Marta Canuto de Oliveira Gonçalves, contra seu pai Júlio Maria de Oliveira, residente na Amadora, — declara-se, para os devidos efeitos e conforme dispõe a segunda parte do citado parágrafo, que o referido processo não prosseguir e teve baixa na distribuição; ficando assim de nenhum valor o anuncio publicado. Lisboa, 17 de Junho de 1939. — O Chefe da 4.ª Secção da 2.ª Vara, Antonio Sampaio de Andrade. — Verifiquei — O Juiz de Direito, Sousa Carvalho.

+

Anselmo Loureiro de Sousa

FALECEU

Conceição de Jesus Loureiro, Isabel de Jesus Loureiro de Sousa, Carlos Loureiro de Sousa, cumprem o doloroso dever de participarem ás pessoas de suas amizades e relações o falecimento do seu extímimo marido e pai e que o seu funeral se realiza amanhã 23 pelas 10,30 horas da sua residência Rua Herois de Kionga, N.º 19-r/c. Direito, para jazigo no cemiterio do Alto de S. João:

AGENCIA SALGADO

Funerais e Trasladações

Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telef. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO



A dívida brasileira

Um artigo do «Financial News»

LONDRES, 22. — A propósito da eventualidade do recomeço do serviço da dívida externa brasileira, o «Financial News» reproduz declarações que lhe fizeram personalidades brasileiras autorizadas de Londres, segundo as quais as esferas brasileiras desta capital não têm conhecimento da intenção do governo do Brasil de retomar o serviço da dívida. As esferas brasileiras acrescentam que sempre trataram da questão com prudência e que, de facto, o Governo brasileiro não foi além da promessa de que as secções inglesa e americana da dívida externa receberiam tratamento igual. — (H.).

Eleições municipais na Holanda

AMSTERDÃO, 22. — As eleições municipais, que terminaram ontem, introduziram poucas alterações na representação dos diferentes partidos políticos. Os sociais-democratas, o partido anti-revolucionário e os comunistas perderam um pouco de terreno. Nesta cidade, os católicos conservam quasi o mesmo numero de lugares e os comunistas perdem alguns. O partido nacional-socialista, que pela primeira vez participou nas eleições com aquele nome, obteve três mandatos em 45. — (Havas).

O Japão não participará nos Jogos Olímpicos

PARIS, 22. — O jornal «L'Auto» publica um telegrama de Toquio que noticia que o Japão não participará nos jogos olímpicos de 1940 e que parece que se retirará da organização dos jogos de 1944, devido a dificuldades financeiras. — (Havas).

Desordem no México de que resultaram 5 mortos

MEXICO, 22. — Na aldeia de Zochiltepec, perto de Guernavaca (estado de Morelos), uma discussão política degenerou numa verdadeira batalha. Ha 5 mortos e 4 feridos em estado grave. — (Havas).

Pensão Castro

Com quartos confortáveis para casal e pessoa só. Comida com abundância. Almoços e jantares ao domicílio. Recebem-se comensais.
Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

Estancia do Seixoso

REPOUSO E REGIME

Lixa-Douro

NOTÍCIAS DO BRASIL

O casamento da filha de Getúlio Vargas

RIO DE JANEIRO, 21. — Já se acha correndo os seus tramites o edital de casamento da senhorita Alzira Vargas, filha e secretária do presidente da República do Brasil, dr. Getúlio Vargas, com o comandante Amaral Peixoto, interventor-federal do Estado de Rio de Janeiro.

O casamento deve realizar-se no próximo mês, no Palácio Guanabara. — (United Press).

A mensagem da Ordem dos Advogados Portugueses

RIO DE JANEIRO, 21. — O jurista brasileiro Haroldo Valadão, que esteve recentemente em Lisboa, leu, perante o Instituto dos Advogados Brasileiros, reunidos solenemente a mensagem-resposta que a Ordem dos Advogados Portugueses enviou áquele Instituto, e que foi muito aplaudida. — (United Press).

A catástrofe do «Phenix»

Um donativo de Lebrun

PARIS, 22. — O Presidente da República mandou entregar a Campinchi, ministro da Marinha, 10.000 francos para socorrer as famílias das vítimas do «Phenix». — (Havas).

Leia hoje o

Sempre
fixo

A POLITICA CHILENA

O processo contra o ministro do Interior

SANTIAGO DO CHILE, 22. — A proposta para que fosse processado o ministro do Interior não obteve senão 21 votos contra 17 no Senado. A maioria prevista pela constituição deve ser de 23 votos. Consequentemente, o ministro em questão retomará as suas funções. — (Havas).

OS QUE MORREM

Gonzalo de Reparaz

MEXICO, 22. — O escritor e sociólogo espanhol Gonzalo de Reparaz, aqui desembarcado com os refugiados do «Sinala», faleceu de subito. Sucumbiu ás fadigas da viagem, devido á sua avançada idade. — (Havas).

Repe, Limitada

DECORADORES

Rua Paiva de Andrada, 7-13

Telefone 2 3860 Lisboa

VASELINAS

LIQUIDAS E FILANTES

Sonap

SOC. NAC. DE PETROLEOS

R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA



CIGARROS 100% VIRGINIA. Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta.
CARRERAS LTD. LONDRES.

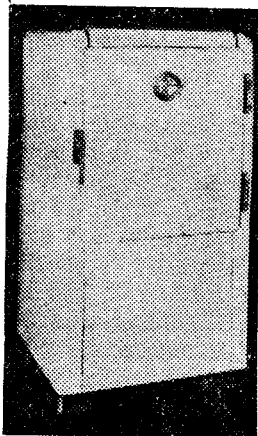
LAR
BOM

NÃO É UMA
CASA
DE MOVEIS
VULGAR!

É O ATELIER DE DECORADOR QUE ESTUDARA O AMBIENTE PARA SI!

Rua Augusta, 240, 1.º

Telef. 2 8811

FRIGORÍFICOS
HYDRO COLD

produto duma das mais antigas fabricas americanas

Equipados com motores de 1/8 de cavalo, que resulta a maxima economia de consumo.

4 modelos, dos quais o mais pequeno — para pequenas familias, — custa apenas

ESC. 3.950\$00

Grande Exposição nos representantes:

OLAVO CRUZ, L.ª, Avenida da Liberdade, 11-A — LISBOA



PASTA
COURAÇA

A MELHOR
PARA OS DENTES

MOBILIAS

A casa J. Antunes é a primeira em apresentar as mobílias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos

VISITEM OS SEUS ARMAZENS

para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.

135 — RUA CONDE REDONDO — 137

EXCURSÃO A
INGLATERRA

De 30 de Julho a 14 de Agosto
SOUTHAMPTON — LONDRES — OXFORD — NOTTINGHAM
SHEFFIELD — WINDSOR
Patrocinado pelo Instituto Britânico em Portugal

TURISMO PORTUGAL

LISBOA
82, Rua de S. Nicolau — Telef. 28402

O EXTREMO ORIENTE EM FOCO

Americanos e ingleses recusaram-se a acatar

o ultimato nipónico para que os seus navios saíssem de Suateu

AS OPERAÇÕES MILITARES

A ocupação de Suateu

HONG-KONG, 22.—As tropas japonesas que ontem entraram em Suateu ocuparam esta manhã os edifícios públicos e os pontos estratégicos da cidade.

Segundo a Domei, as tropas nipónicas estão a dar caça aos últimos elementos das tropas chinesas que ainda resistem na cidade. Antes de evacuem a cidade de Suateu, os soldados de Chang-Kai-Chek atearam incêndios em três pontos. Uma fumacera espessa chegou a encobrir a cidade. Os japoneses, por fim, conseguiram debelar os focos de incêndio.

O comandante das forças navais nipónicas — diz a referida agência — declarou aos jornalistas que a ocupação de Suateu teve por fim vibrar um golpe fatal no regime de Chang-Kai-Chek, visto que Suateu era o único porto de reabastecimento do armamento e outras mercadorias com que contava o governo de Xung-King. O comandante japonês acrescentou que o tráfego de material de guerra aumentara enormemente em Suateu, sobretudo depois da tomada de Cantão e de Hainão pelos japoneses.

Segundo o almirante japonês, o tráfego pelo porto de Suateu atingiu 70 milhões de dólares chineses, o último ano.

Finalmente, declarou que a Marinha de guerra nipónica tomará as disposições necessárias para tornar muito mais rigoroso o bloqueio às costas chinesas, a fim de apressar o desmoronamento do regime de Chang-Kai-Chek. — (Havas).

Combates na região de Tang-Xan

TIEN-TSIN, 22.—As autoridades militares japonesas mandaram afixar na estação dos caminhos de ferro cartazes que aconselham precauções especiais para os comboios que vêm da região de Tang-Xan, a 90 quilómetros ao norte de Tien-Tsin. Aqueles avisos precisam que estão a travar-se violentos combates naquela região entre japoneses e franco-atiradores chineses. Tang-Xan está situada sobre a importante linha férrea de Pequim a Mukden. — (Havas).

A SITUAÇÃO EM TIEN-TSIN

Esperou-se um acto de força contra a concessão inglesa

TIEN-TSIN, 22.—Agrava-se bastante a situação na concessão internacional, devido à falta de víveres. O mercado estava quasi vazio esta manhã. Não havia ali nem carne nem peixe e os legumes tornaram-se raros.

Na verdade não há medidas tomadas pelos japoneses para impedir a chegada de navios estrangeiros, mas como todos os barcos de certa tonelagem para cima são obrigados a transbordar a mercadoria, a descarga é praticamente impossível, visto não se encontrarem estivadores, devido à apertada fiscalização nipónica.

Os subditos ingleses que estão encerrados na concessão sentiram o seu moral levantar-se um pouco ao darem pela chegada duma companhia do «Durham Light Infantry Regiment», que veio reforçar as tropas de defesa da concessão. O envio daqueles reforços foi motivado pelos boatos que correram de que os japoneses estavam a encerrar a possibilidade de um acto de força contra a concessão inglesa de Tien-Tsin. — (Havas).

Palavras de encorajamento de lord Halifax

LONDRES, 22.—De Tien-Tsin informam a Reuter: O consul geral da Grã-Bretanha nesta cidade recebeu uma mensagem pessoal de lord Halifax, ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra, que dirige palavras de encorajamento à comunidade inglesa.

Por outro lado, a Imprensa chinesa, controlada pelos japoneses publica hoje violentos artigos anti-britânicos, exigindo a rendição da concessão e a

cessação de negócios com os ingleses. — (Havas).

CHANGAI, 22.—O almirante americano Yamell rejeitou o ultimato japonês, no sentido de que todos os navios estrangeiros ancorados em Suateu abandonassem o porto antes das 13 horas de hoje. Aquele oficial superior da Armada norte-americana, que se recusou a mandar sair de Suateu o contratorpedeiro «Pillsbury», declarou que os Estados Unidos tornarão os japoneses responsáveis por todos os prejuízos que sofrerem as vidas e bens dos cidadãos do seu país.

Amanhã aparelhará de Hong-Kong para Suateu uma canhoneira inglesa.

Além do americano «Pillsbury», encontra-se em Suateu o contratorpedeiro «Thanet», de nacionalidade inglesa, ao qual se irá juntar outro navio inglês ancorado ao largo, caso as circunstâncias o exijam.

Esclarece-se que o ultimato nipónico se aplica a todos os navios estrangeiros, sem distinção de nacionalidades, que se encontram em Suateu, donde partirá amanhã um navio com as mulheres e crianças inglesas que ali viviam.

Em Suateu estão fundeados sete contratorpedeiros japoneses. — (H.).

A resposta britânica

CHANGAI, 22.—O consul geral inglês nesta cidade enviou hoje de manhã uma nota às autoridades japonesas a informá-las de que os residentes britânicos se consideram com direito a permanecer na cidade de Suateu e que os navios ingleses têm igualmente o direito de entrar no porto para comerciar, em consequência do tratado que existe sobre o porto de Suateu. — (United Press).

A situação presente não se pode prolongar—dizem os círculos oficiais ingleses

LONDRES, 22.—Os círculos oficiais ingleses afirmam que se os japoneses continuarem a infligir aos cidadãos britânicos os vexames de que têm sido alvo em Tien-Tsin e noutros pontos, isso acabará por ter repercussões e envolver, inevitavelmente, represalias. Seria muito mau—sublinham esses círculos—avaliar em mal a atitude do governo inglês e interpretar como indecisão, o desejo aqui manifestado de regular a questão de Tien-Tsin localmente.

A situação presente não se pode prolongar indefinidamente—acrescenta-se—sem provocar as reacções inglesas. A situação em Tien-Tsin continua na mesma e os subditos ingleses continuam a queixar-se de ter que esperar muito tempo para entrar ou sair da concessão. As descargas de víveres são irregulares. A concessão francesa recebe quantidades normais, que são transportadas em camiões do exercito. — (Havas).

cessação de negócios com os ingleses. — (Havas).

LONDRES, 22.—De Tien-Tsin informam a Reuter: Depois de ter recebido a mensagem de lord Halifax, o consul geral inglês nesta cidade pôde garantir aos subditos ingleses que residem na concessão que o governo de Londres fará tudo quanto possa para proteger os seus interesses e pôr cõbro à crise actual, logo que seja possível. — (Havas).

A ATITUDE NIPÓNICA

Conselho de ministros em Toquio

TOQUIO, 22.—Dum enviado especial da Havas: Segundo boas informações, o conselho de ministros desta manhã, presidido por Arita, discutiu a oportunidade de formular, de maneira precisa, os pedidos japoneses quanto à Inglaterra, para solução do caso de Tien-Tsin. Não houve decisão e a discussão continuará no conselho de amanhã. Segundo consta, diversos ministros são de opinião de que não deve haver pressa em formular esses pedidos cujo conteúdo deverá variar em função da resistência inglesa e do apoio que Paris e Washington deem a Londres. — (Havas).

Nova interpretação das pretensões japonesas

CHANGAI, 22.—«A instauração da «ordem nova» na Ásia de forma alguma significa a preterição dos interesses e direitos dos estrangeiros na China. Pelo contrario, essa ordem protegerá e consolidará esses direitos» — declarou o representante da embaixada japonesa aos jornalistas. Acrescen-

tou que a acção das autoridades de Tien-Tsin apenas tinha em vista contrariar os maneios dos elementos anti-nipónicos. «Não é exacto—disse—que essas autoridades visem a liquidação definitiva do estatuto das concessões estrangeiras».

A uma pergunta dum jornalista, o funcionario respondeu: «É intenção dos japoneses conceder o mesmo tratamento a todos os estrangeiros residentes na China; todavia, as circunstâncias actuais obrigam-nos a discriminar os ingleses, porque estes apolam Chang-Kai-Chek». — (Havas).

OUTRAS NOTÍCIAS

Critica situação em Amoy

TIEN-TSIN, 22.—De Kulangsu informam que, em virtude do bloqueio, a situação se agrava rapidamente. Os habitantes da concessão internacional de Amoy não têm autorização para comprar víveres na cidade, desde que seja para utilizar na concessão. São, todavia, abastecidos pelos navios estrangeiros e até agora arroz e feijão não têm faltado. — (Havas).

A situação financeira

LONDRES, 22.—De Changai informam a Reuter: Os bancos chineses, que, segundo se julgava, deviam, a partir de hoje, declarar uma moratoria de três dias, abriram esta manhã, como habitualmente. Restringem, todavia, os levantamentos de depósitos ao máximo de 500 dólares chineses.

Também contrariamente a todas as previsões, o dolar chinês abriu, na Bolsa de Changai, muito firme. — (Havas).

Ex. mas Senhoras

Peçam ao vosso Cabeleireiro que vos faça a Permanente com Óleos sem amoníaco. É um pouco mais caro, mas não vos seca os cabelos. No caso de não terem esse produto, vão ao cabeleireiro **PESSOA-Rua Garrett, 29, e terá Permanentes de 50\$00 a 80\$00 Telefone 2 7383**

NO CASTELO DE S. JORGE

Prossegue a inquirição

das testemunhas de defesa

no julgamento dos implicados

numa conjura politica

No castelo de S. Jorge continuou esta tarde, com a mesma constituição do Tribunal Militar Especial, o julgamento dos 65 indivíduos militares e civis acusados de estarem implicados num projectado movimento revolucionário chefiado pelo sr. Henrique de Paiva Couceiro, que deveria eclodir em Coimbra, em maio de 1938.

A's 13 horas, os reus—que permanecem, até final do julgamento, nas dependências do castelo—entraram no pretório.

O sr. tenente Anibal Sales, secretário do Tribunal, fez a chamada das numerosas testemunhas, designando aquelas que devem depôr na audiência de hoje.

Chegou o atestado, enviado pelo nosso consul em Marselha, referente à doença do sr. coronel Casqueiro que se encontra gravemente enfermo em Vichy e que, por tal motivo, não pôde comparecer no julgamento.

Não compareceu hoje o celebre ex-sargento Catarino—que está condenado a 31 anos—devendo assistir apenas à leitura da sentença.

Na bancada dos advogados sentaram-se hoje mais dois causídicos: os Drs. Filipe Mendes e Waldemar Luiz Belchior.

A's 14 e 25, o sr. coronel Mousinho de Albuquerque, presidente do tribunal, declarou aberta a audiência e ordenou que as testemunhas que devem depôr hoje recolhessem a uma dependência reservada para esse fim—e permitiu a entrada às pessoas que pretendiam assistir ao julgamento.

Ao entrar-se na apreciação da causa, o sr. tenente-coronel Pinheiro Coelho, promotor de justiça, requereu diversas acareações entre reus que indicou, para esclarecimento de diversos pontos. A primeira foi entre os srs. coronel Manuel Alberto Pais e Vidal Pinheiro, a propósito dum encontro dos dois num hotel do Porto. Aquele oficial manteve as declarações feitas num inquerito aberto no Ministério da Guerra, admitindo a possibilidade de ter falado com aquele senhor, que por sua vez declarou que a conversa não versou sobre movimentos revolucionários.

A mais importante das acareações foi entre o sr. Velez Carozo, ex-tenente, e o sr. capitão Rebelo de Almeida. O primeiro aludira, no Porto, a um «capitão Almeida», afirmando não se lembrar do outro nome do referido oficial. Ficou demonstrado que não se tratava do sr. capitão Rebelo de Almeida—que se encontrava em Lisboa, a assistir a um Congresso de «Football», quando se passavam tais factos no Porto.

Findas as acareações, prosseguiu a inquirição das testemunhas de defesa, sendo ouvidos, entre outros, os srs. tenente-coronel Alberto de Almeida Teixeira, padre José Pinheiro Marques, Drs. Baltazar Pereira e Henrique Fernandes Pinto, conego Adelino Gonçalves, José Correia Gardete, Manuel Alves S. Payo, Manuel Pedro de Abreu e Virgílio Vidal Lopes.

A sessão deve ser interrompida à noite, para recomeçar amanhã, às 13 horas.

Emerson

RADIO

Agentes Gerais

COSTA & BRITO LDA.

Rua da Conceição, 35, 1.º

VACINA

Não ha dificuldade na aquisição da vacina nacional

Contra o que se tem propagado nestes ultimos dias não tem havido, nem há grande dificuldade em se adquirir a vacina nacional contra a varíola.

O Parque Vacinogénico de Lisboa, como todos os estabelecimentos deste genero, têm obrigação de manter uma reserva de vacina suficiente para fazer face ás necessidades urgentes de combate a uma possível epidemia de varíola e, assim, tem sido possível, desde o início da actual campanha de vacinações e revacinações, manter uma larguissima distribuição de vacina fornecendo, desde há três semanas, vacina para cerca de 15.000 pessoas por dia.

Abastece todos os postos de vacinação dependentes da Direcção Geral de Saúde (e só para os de Lisboa envia diariamente vacina para 1.500 pessoas) grande numero de farmacias de Lisboa, a vacina necessaria para as grandes Fabricas, Companhias, Casas Comerciais, Officinas, Escolas, etc., cumpram as determinações daquela Direcção Geral. Só as Companhias dos Caminhos de Ferro Portugueses, Carris de Ferro de Lisboa, União Fabril, Reunidas de Gás e Electricidade, das Aguas e para todo o pessoal da Camera Municipal de Lisboa têm sido requisitadas milhares de doses. Para os Hospitais Civis vai diariamente vacina para 750 pessoas. Tem ainda que atender as farmacias da provincia.

Todos os particulares que se têm dirigido ao Parque Vacinogénico para adquirir vacina nem um só deixou de ser atendido.

Muitas farmacias de Lisboa recebem todos os dias vacina do Parque Vacinogénico, entre elas: Barral, as da Sociedade Industrial Farmaceutica, Companhia Portuguesa de Higiene, Andrade, Açoreana, Avelar, Carreira, Centro Farmaceutico, Ferreira Pinto, Guerra, Jaime José da Costa, Liberal, Normal, Probidade, Teixeira Lopes, Simões Pires, União dos Farmaceuticos de Portugal, Instituto Pasteur de Lisboa, Sanitas, Internacional, etc.

Tem-se falado tambem de fortes reacções nas pessoas vacinadas.

Além do enorme numero de individuos que ha muitos anos se não fazia vacinar e que, portanto, tendo-lhes desaparecido por completo a immidade conferida por uma anterior inoculação, reagem como se pela primeira vez fossem vacinados, ha a atender, ainda, a que, sendo exigida universalmente a vacina antivariolosa um «test» de virulencia elevado, para se evitarem excessivas reacções locais, é aconselhavel fazer a inoculação, quer em vacinações, quer em revacinações, por meio de duas ligeirissimas incisões lineares, simples, apenas de um a um milimetro e meio, afastadas uma da outra uns dois centimetros e interessando somente a epiderme.

E' de toda a conveniencia cobrir as incisões com um penso esterilizado para evitar possíveis contaminações.

O director do Parque Vacinogénico
CARLOS BARRAL MONIZ TAVARES



Novas
modas nas
unhas!

Já viu as novas cores de Verniz Cutex para unhas? Trebol -- Tulip -- Cardo -- Borgonha -- Mauve?

Foram especialmente criadas para harmonizarem com as novas cores em voga dos vestidos e encontram-se no novo e mais compacto verniz Cutex que dura mais dias.

CUTEX

VERNIZ PARA UNHAS

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Veremos ainda esta temporada uma endiabrada comédia, que é ao mesmo tempo um primoroso estudo da alma feminina.

Intitula-se: «São assim as mulheres!».

«Assim!»...

Assim, caprichosas, irrequieta, por vezes sentimentais e apaixonadas, outras vezes perversas e fatais.

O realizador deu toda a gama da psicologia da mulher, através dum argumento delicioso, bem imaginado, e com uma optima exposição de optimismo. Carole Lombard será a grande interprete desta comédia, que, oportunamente, se estreia no Tivoli.

O bom combate

O nosso colega «A Voz», pela pena do seu critico teatral sr. Miguel Coelho, verberou tambem «a aluvião de peças estrangeiras de infimo valor que, em traduções, adaptações e arranjos, está invadindo os nossos palcos, associando-se assim ás palavras de condenação e de protesto que os criticos do «Diario da Manhã» e do «Diario de Lisboa» e o noticiario teatral do «Diario de Noticias» escreveram a proposito da invasão do teatro de lingua espanhola em Portugal.

Atrás do reposteiro

A anunciada reaparição da actriz Palmira Bastos, que uma grave doença afastou temporariamente da cena, realiza-se depois de amanhã, no Avenida, numa recita de homenagem que lhe é oferecida pela empresa daquelle teatro. Palmira Bastos volta a interpretar o papel que criou na peça de Ruy Correia Leite, «A vida é assim!».

Foi ontem assinado no Sindicato dos Artistas Teatraes o contrato com o grupo de artistas que o actor José Dubini vai apresentar no Funchal.

Foi convidado a reingressar no elenco da companhia Maria Matos, para a sua «tournée» ao Brasil, o actor José Moraes.

O grupo de «girls» que vai figurar na nova revista do Apolo, «O mar tambem tem amantes...», será todo constituído por elementos novos, sob a direcção de Janou.

A companhia Maria Matos segue para o Rio de Janeiro no dia 17 de julho, a bordo do «Almirante Alexandrino», inaugurando a sua «tournée» ao Brasil no Teatro Recreio daquelle cidade.

O quadro de comédia, de Xavier de Magalhães, o «Esquecido», que se representará no Capitólio na festa do actor Artur Rodrigues vai ser desempenhado por este artista, Maria Cristina e Octavio Bramão.

No Politeama entra amanhã em ensaios, para figurar em fim de festa, a nova revista em 1 acto, «Olha o cochicho», original de «Três Fernandes», realização de Piero.

A exploração, no Apolo, da revista «Lá vai Lisboa!» por «Artistas Unidos», deu a esta sociedade um «deficit» de treze mil escudos.

A primeira peça nova a subir á cena no Avenida, pela Companhia Teatral Portuguesa, é a farsa de Luna de Oliveira e Mario Marques,

«Faustino, Limitada», encenada por Antonio Pinheiro.

O negocio proposto, em sociedade artistica, para o Maria Vitoria, está dependente agora dum trabalho que, sobre estes organismos, o ensaiador Augusto Soares, director do Sindicato dos Artistas Teatraes, está a elaborar por determinação superior e em harmonia com o parecer das repartições competentes.

O empresario Ricardo Covões fixou já a data da reabertura do Coliseu para a temporada de revistas-fantasia.

Até ao final do mês corrente, a companhia Hortense Luz realiza espectaculos em Arcos de Val-de-Vez, Ponte do Lima, Guimarães, Viana do Castelo e Valença do Minho.

Consta que se fará uma profunda remodelação no elenco duma das nossas companhias, saindo dele varios elementos e entrando outros, que estão já a ser convidados.

«O Porto dos sete mares», no S. Luiz

O que mais nos surpreende no filme que James Whale realizou sobre uma conhecida peça de Mancel Pagnol é a maneira inteligente como se criou a atmosfera marsehesa e a exactidão do traço psicologico com que se desenharam as figuras. No país da adaptação e do arranjo teatral, como é o nosso, em que não raro se desfiguram completamente as peças estrangeiras que se põem em cena, o respeito do realizador cinematografico por uma obra teatral que lhe confiaram para a projectar em celuloide deve merecer-nos o maior elogio. Assim succede no «Porto dos sete mares», em que o bom humor francês resalta nitidamente através duma interpretação americana que procura adaptar-se com fidelidade ao espirito da obra.

Como se trata duma peça teatral transposta para o cinema, a acção é lenta e prejudicada pelo abuso dos dialogos. A interpretação, a cargo de Wallace Beery, Frank Morgan e Maureen O'Sullivan, é perfeita.

Complementos excelentes, entre os quais convem salientar o documentario do «Dia da Marinha», que o publico aplaudiu com entusiasmo. — Visor 31.

A Taça Coliseu disputada no sabado por 2 ranchos populares numa sensacional estreia

As conhecidas Marchas de «Campo de Ourique», «Alunos de Apolo», e «Academia de Verdi», iniciam a disputa no proximo sabado, no Coliseu, no grandioso espectaculo que nessa noite ali se estreia, da «Taça Coliseu», por votação do publico. E' um concurso que está entusiasmando Lisboa inteira. Este espectaculo, com os ranchos populares e o referido concurso e ainda com grandes atracções internacionais, realiza-se apenas na noite de sabado e no domingo, em «matinée» e á noite, a preços popularissimos. Que ninguém falte no Coliseu, sabado e domingo.

POLITEAMA Telef. 2 6305

HOJE, ás 21,45

O brilhante exito da Companhia Maria Matos

«A ALDRABONA»

1.º premio de gargalhada de 1939

e a pequena revista, realização de Piero «Na hora H»

VISITE A **ONIX** O CALÇADO MAIS
COMPRE CONFORTAVEL
USE E ELEGANTE
RUA GARRETT, 27 Tel. 2 2271

PROGRAMAS DE HOJE

Telef. 21172 A's 21 e 30 horas
São Luiz
O Porto dos 7 mares
com Wallace Beery, Frank Morgan, Maureen O'Sullivan e John Boal

Maravilhas de 1938
Febres Tropicais
Preços unicos:
Dia, 2\$50 - Noite, 3\$00

Epoca de verão 50 0/0 de desconto
Uma francezinha em Nova York
com Danielle Darrieux
A CASA DO MISTERIO
com Filancho Montel

Precisam-se 3 maridos
com Loretta Young e Joel Mac Crea
A's 21 e 30
TELEF. 5 0595

No Torraço e no Salão
CAPITOLIO SOMBRAS DA CIDADE
O LOBO SOLITARIO
Telef. 2 7493 A's 21

A Heroína do Texas
TERRASSE Mundos intimos
Telef. 2 9017 Plateia 2\$50 - Matinée 2\$

A Dama de Malaca
Pavilhão Português Abuso de confiança
A's 21 e 30

A's 21 e 30
CASINO ESTORIL 8.ª mulher do Barba Azul

A «Feira de Caridade»

do Parque Eduardo VII
hoje, no sabado e no domingo

Hoje á noite prossegue, no Parque Eduardo VII, a «Feira de Caridade» que ali se está a realizar e que é, incontestavelmente, o recinto de diversões mais completo da capital, o mais elegante e o de maior ambiente popular.

Ali funcionam muitas barracas, algumas das quais servidas por senhoras da sociedade, e como se tanto não bastasse para que a feira seja um ponto de reunião elegante, ha um «bar» e um restaurante-dancing em que tocam excelentes orquestras.

Dentro do quadro do ambiente popular funcionam na feira os mais variados e curiosos divertimentos, como carrouseis, picadeiro, quermesse, barracas de pim-pam-pum, de fantoches, de tiro e outros, num conjunto pitoresco.

No retiro de fados apresentar-se-ão excelentes e populares artistas e os melhores guitarristas.

O programa de hoje é de molde a atrair farta concorrência de publico. A excelente banda do Asilo Antonio Feliciano de Castilho dará, das 23 ás 0 horas, um concerto, após o que será queimado vistoso fogo de artifício.

No restaurante-dancing, da senhora embaixatriz do Brasil, haverá ceias-concertos, tocando, esta noite, duas magnificas orquestras.

No sabado e domingo prossegue esta feira popular com todas as suas atracções.

O crime dum alcoolico

CONSTANCIA, 21.—Deu entrada na cadeia desta vila: Joaquim Ferreira Calado, casado, agricultor, morador na freguesia de Montalvo, deste concelho, que por um motivo futil e sob a influencia do alcool, vibrou uma facada em sua mulher Nazaré Ribeiro, que por este motivo teve de recolher ao hospital desta vila para ser observada.

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Consciencia».
POLITEAMA—A's 21 e 30.—«A Aldrabona».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23 —«Ribatejo».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
ROYAL—A's 21.
REX—A's 21.
PAVILHAO PORTUGUES—As 21.

AVENIDA

HOJE e AMANHÃ — Ás 9,45 horas
ULTIMAS REPRESENTAÇÕES DE

«CONSCIENCIA»

DEPOIS DE AMANHÃ (SABADO)
RÉCITA DE HOMENAGEM A
PALMIRA BASTOS

e reaparição desta grande atriz
em

A VIDA É ASSIM!...

de RUY CORREIA LEITE

VARIEDADES Hoje: A's 8,30 e 10,45 horas

A OPERETA RIBATEJO

Protagonista: MIRITA CASIMIRO
Domingo: «MATINÉE MIRITA».

ULTIMA
EDEN Kindare, medico moderno
com Lionel Barrymore, Lew Ayres e Linne Caver
A's 21 e 30
Telef. 2 0768

PREÇOS POPULARES
Um dia nas corridas
com os Irmãos Max
CONDES LORD JEFF
com F. Bartholomew e Mickey Rooney
A's 21 e 30
Telef. 2 2523

Sergio Panina
Bombelros de salas
Plateia desde 1\$50 — Balcoes 3\$00.
PARIS

Agonia dum submarino
REX WERTHER
Preços desde: Matinée, 1\$25 - Noite, 1\$80.
Telef. 2 9656
A's 21

Vida desportiva

BASKET-BALL

O festival nocturno de ontem

A grande noite do «basket» feminino, que o Ateneu Ferroviário, organizou ontem no campo do Ateneu, com o patrocínio de «Os Sports», constituiu um êxito absoluto. O campo oferecia um aspecto magnífico e a assistência foi tão elevada que bateu o «récord» da época, pois não havia um lugar vago.

O club organizador elaborou um programa excelente, que abriu com uma parada de extraordinário efeito, pois reuniu cerca de setenta senhoras baskuetistas, pertencentes aos dez clubes que tomaram parte no festival.

Todos os jogadores desfilarão garbosamente, fazendo a saudação olímpica à passagem em frente do «team» do Feminino do Porto, que se encontrava formado a meio do terreno.

Seguiu-se o primeiro jogo, entre o Belenenses e a C. U. F., que forneceu uma partida renhida e bastante movimentada. Ao intervalo a «equipe» de Belem ganhava por 5-3, mas no segundo tempo consolidou a posição elevando o marcador a 15-6.

Queluz A. C. e Boavista de Albarraque fizeram a segunda partida. Os dois grupos da linha de Sintra exibiram-se modestamente, tanto mais que o Queluz está na fase inicial, visto ter disputado ontem o seu terceiro jogo. Ao intervalo, registou-se um empate 0-0. O segundo tempo foi favorável ao Boavista que ganhou merecidamente, por 8-0.

No terceiro jogo da série, Matadouro bateu o Ateneu, pela larga margem de 19-1. Ganhou o grupo mais experimentado e aquele cujas jogadoras melhor lançamento possuem.

O penúltimo encontro, entre o Gimnasio Feminino e o Pedrouços, esteve indeciso na primeira parte, mas a vitória final acabou por pertencer ao Feminino, pelo escasso resultado de 5-0.

A fechar o programa, jogaram o Ateneu Ferroviário e o Feminino do Porto. Foi um jogo disputado com ardor, que fez vibrar o publico. As portuguesas inicialmente demonstraram vantagem técnica e territorial, tendo acabado a primeira parte a ganharem, por 5-2.

As visitantes possuem uma «equipe» organizada em bases sólidas, que deixou excelente impressão. Não foram felizes a marcar, mas demonstraram intuição, pois desmarcaram-se com extraordinária facilidade. A vitória do Ferroviário, por 9-5, traduz bem o equilíbrio verificado e o esforço e energia despendida pela «equipe» vencedora. O jogo de hoje nas Salesias deve fornecer-nos melhor indicação acerca do valor positivo do Feminino do Porto, onde D. Helena Sousa Martins imprime uma apreciável orientação.

Foi uma jornada agradável a todos os títulos brilhante, que ficará como exemplo convincente, do que vale a pratica do «basket» feminino. — J. S.

AUTOMOBILISMO

1.º «Criterium» de Regularidade

É hoje, pelas 23 horas, que se encerra a inscrição para o «Criterium» de Regularidade organizado pelo «Club dos 100 á Hora».

Esta prova será a primeira dos três domingos de que este «Criterium» se compõe e terá início no próximo domingo 25, sendo a partida de Lisboa às 9 horas, da avenida da Índia em direcção ao Estoril, onde se fará a 1.ª «etapa» e se disputará a primeira prova complementar, seguindo a Cascais, Colares, Sintra e Lisboa-Portas de Benfica, 2.ª «etapa» — num total de 70 quilómetros aproximadamente.

A's 23 horas, proceder-se-á ao sorteio da inscrição dos concorrentes.

TIRO AO ALVO

«Taça Inauguração»

Prosseguem com entusiasmo os treinos para a disputa da «Taça Inauguração» com que se iniciam as homenagens ao saudoso mestre de tiro dr. Antonio Martins, organizadas pelo Ateneu Comercial de Lisboa.

Antes da prova proceder-se-á ao descerramento da lápida com o nome do saudoso desportista na carreira de tiro de 50 metros que passará a denominar-se «Carreira de Tiro Dr. Antonio Martins».

São inúmeras as inscrições por parte de atiradores civis e militares, uns na actividade desportiva outros já afastados mas que comparecem a fim de prestarem a sua sentida homenagem.

TIRO AOS POMBOS

Na Costa do Sol

Nos próximos dias 1, 2 e 3 de julho realiza-se um grande torneio de tiro aos pombos, no campo de tiro a chumbo da Costa do Sol. Além do «Grande Premio da Costa do Sol», disputar-se-á também uma artística taça em homenagem ao sr. general Cammona e outras interessantes provas, cujos premios são constituídos por 8 taças e 2 mil escudos. Espera-se a inscrição de elevado numero de atiradores.

Em meados de julho e agosto realizam-se também o Campeonato de Portugal de Tiro de Prancha e o Concurso Internacional de Pombos.

Quinta-feira

por Norberto de Araújo

Alegria de viver

Nesta época do ano em que o céu é azul, até de noite quando não ha estrelas, e em que a terra se enche de frescura, até de dia sob o calor; agora que a terra é um cantico triunfal de verde virgem, e as cousas vegetais estuam, rebentam, enfloram, se desentranham em seiva, e crescem, e bebem o sol e a luz, e nem dormem com tanto que têm que crescer; neste trespassse da primavera — que se despede e fica ainda a espreitar as rosas — para o verão que chega, e a primeira coisa que faz é espreguçar-se sobre o damasco louro das searas; nesta quadra idílica, á qual nem os cegos são insensíveis — sente-se por toda a parte o amor á vida.

Em toda a roda do ano se ama a vida, no que ela tem de perfido e de belo. Quem ama, num direito que adquiriu ao nascer — ama sempre.

Mas o encontro do esto e da primavera desperta sensações novas, novos desejos, apetites que parecem inéditos.

A Natureza é um acicate. O amor á vida, a esta miséria das vidas na vida, proclama o seu imperio que não escolhe nem fronteiras nem subditos, e cuja historia vem do tempo do primeiro malmequer, da primeira andorinha, da primeira alga, do primeiro bicho de conta.

Viver! Que são afinal os desgostos, as lutas, as canseiras, as lagrimas sendo a genese — e o efeito do amor á vida — atraído?

E tal qual sucede nos homens quando as desilusões do amor terreno lhes caem sobre a cabeça — começa-se a amar mais, qualquer coisa que seja — uma mulher ou a pedra de um cunhal de casa — e a amar na razão directa do sofrimento que o próprio homem, se não inventou, admittiu para nunca deixar de reagir.

Alegria de viver... Santo Deus! Que direito imenso é esse de ser alegre dentro da existencia, tanto e a tal ponto que são os desgraçados, os humildes de condição a presuipor miséria, os que mais abrem os braços, e, como os vegetais, estuam e enfloram, para readquirir o tempo perdido.

Em chegando a primavera, em abrindo o verão calido, os arbustos dos caixotes de madeira, suspensos das janelas pobresinhas, sobem para o sol, e pintam-se de cor, com tanta voluptuosidade como as flores milagrosas dos parques e das estufas.

O homem — é igual. Se ha escalas sociais (e eu sei lá se ha) como ha socialcos nas encostas, mais privilegiados uns do que outros pelo rego de agua ou pela palissada que dá sombra

— quando desperta o amor á vida, nenhum é diferente do outro.

Quando toca a alvorada do amor, neste quartel onde não ha voluntarios mas onde ninguém deserta livremente — não nos venham com divisas ou com galões.

Percorra-se um bairro de lata, ou de lusálite, entre-se no meandro de um sitio medieval, de torturadas congostas, depois penetre-se nas alamedas de um bairro da Lapa, ou de um bairro azul — e digam-nos que diferença encontraram na delicada força vigorosa das trepadeiras, na esfalfante luta invisível das rosas para rebentarem, na expressão dos homens, das mulheres, das raparigas e das crianças, na das grandes donas, na dos grandes senhores, das mulheres que carregam gigas e dos homens que britam pedra.

E' tudo igual. E se alguns amam a vida mais e melhor — são os cravos dos caixotes nas trapeiras das alfurjas.

A alegria de viver é a resultante de um direito de viver, que nos foi doado, e para cuja posse não fizemos revolução nenhuma.

Viver — roendo o osso da sua tragedia, o amigo n.º 1 do teatro da existencia — é destino de todo o homem. E uma vez por ano vem a primavera e ensina: «como eu — com sol».

O que surpreende, como um titulo de gloria, ou como um acto de reconhecimento a Deus, é, nos humildes para os quais a vida social é madrasa que se enfeita ás vezes de má, a resignação espantosa, a reacção fantástica, a iluminada presença da paz de alma, a fé no dia de amanhã — e o amor á vida, o cantico á alegria da vida: o Santo Antonio, o S. João, o S. Pedro, que renascem todos os anos pelo Natal, tal qual o Menino Jesus, e levam seis meses a aprenderem a cantar.

Flores do canteiro da minha varanda, que passaram sede no verão passado quando eu estive fora — e não morreram. Flôr de lis e mangerico!

Abençoada a vossa alegria de viver, e a lição que me dais todos os dias contentando-vos com a sede de agua da manhã, o pão de sol de todo o dia, as migalhinhas, e o bôdo de perfume e de cor com que encantais os olhos dos pequenos da casa.

Hei-de colocar-te, lis, num vaso de prata com um brasão heraldico que tenha um galgo e uma serpe. E a ti, mangerico, hei-de espetar-te um cravo de papel, com uma quadra, que diga, em rima pobre:

...Hei-de amar-te até morrer, e arrebente quem falar...

TAVOLA REDONDA

Diário duma

Vou-me embora, Clarinha, Sou uma insatisfeita — como Oscar Wilde tenho sede de beleza. Dei a volta a Lisboa, e de Lisboa só me encantou o que resta das coisas antigas.

Igreja da Madre de Deus, tão bela; Jeronimos, que nos recorda glorias passadas. Carmo, onde viveu e morreu, santamente, o Condestavel — flôr da Cavalaria Portuguesa... Castelo de S. Jorge, que atravessou seculos, velho e altivo guardião da cidade — escadinhas que trépm até lá, recantos onde ha cravos, e á noitinha se ouve o fado, o verdadeiro, em gemidos dolentes que vão tão bem com o ar moiro da cidade velha. Mouraria e Alfama, a formosa, enfeitada de flores, onde nas pequenas janelas os mangericos rescendem. Lá ouvi — já se viam estrelas — uma cantiga de embalar crianças, que ha seculos decerto, e na mesma casa e á mesma hora, uma voz de mulher cantava no mesmo ritmo plangente... Sentei-me num Miradouro, ao pôr-do-sol. Mas antes de desaparecer incendiou as janelas da cidade moira. Cheirava a madre-silva, a azeite, a cravo bravo.

Procurei o Arco de S. Bento, e em vez dele encontrei monumental escadaria, que seria própria para subirem por ela, a S. Bento, oradores imortais, como José Estevam, Garrett, Casal Ribeiro, e mais perto de nós Antonio Candido, José d'Alpoim, Moraes Carvalho, João Franco, Alexandre Braga... E tantos outros! Agora nas imensas escadas, os vultos parecem mais pequenos e grandes de mais os portões por onde eles entravam triunfantes, levando em si a semente sagrada do talento e do genio.

Ouvi que lá dentro reinava um gosto cheio de anarquia. Os estilos que para sempre ficaram estão em Alcobaça, na Batalha, ou em Coimbra espalhados em Igrejas, na Universidade onde nos encanta a Biblioteca amaneirada e linda.

Vou-me embora antes que tudo se transforme, e Lisboa — a formosa — num «puzzle» que eu não advinharia. Oiço que vão fazer uma fonte monumental, que nos deixará mortos de sede. Se eu fosse Alguem, propunha que, como em Atenas, se erguesse uma estatua á deusa do Bom-Conselho (que seria para nós a Virgem Aconselhadora), e que antes de se arrazar uma recordação, se fosse ali meditar. Lisboa parece uma colcha de retalhos — este de damasco precioso, tecido a ouro, aquele de «piquet» de seda, «inamarravel» — ultimo grito da moda. Ah! Deixem-nos os nossos farrapos, onde ainda brilham os oiros da Índia!

Não façam casas tão altas, que o terreno abunda. Lembrem-se do eterno exemplo da Torre de Babel, que devia atingir os ceus. Deus vingou-se. Não vá agora tremer a terra... Jardim da Estrela onde brinquei criança; Palácio Fronteira tão belo, com os seus azulejos de velhas batalhas, o seu ambiente de poesia — palácio de sonho e de beleza, adormecido entre arvoredos azuladas. As marchas de junho, Clarinha, são estilissimas. As varinas têm saia de balão; os rapazes, de cabeça á banda, vestem á Luiz XV... Nos «Retiros das Severas», os «haut-parleurs».

Carreiras de Camião

entre Lisboa e Portimão, via Baixa de S. Tiago do Cacem

PARTIDAS DE PORTIMÃO

Partidas de Portimão			
» Lagos	9,00	Partida	
» Bensafim	9,26	»	
» Aljezur	9,55	»	
» Odeceixe	10,20	»	
» Odemira	11,05	»	
» S. Luiz	11,30	»	
» Cercal do Alentejo	11,50	»	
» S. T. Cacem (almogo)	13,25	»	
» Grandola	14,20	»	
» Alcaccer do Sal	15,00	»	
» Aguas de Moura	15,45	»	
» Setubal	16,30	»	
» Palmela	16,45	»	
» Moita	17,05	»	
» Chegada a Barreiro	17,20	»	
» Lisboa T. P.	18,00	» Chegada	

SERVIÇO
RAPIDO
E CONFORTAVEL

Embarque e desembarque nas Estações do Terço e Barreiro

Melhor aceleração
COM VELAS
CHAMPION

O perfeito funcionamento dum motor depende de velas que produzam uma faísca forte e regular. O motor do carro de V. Ex.ª puxa pouco? Não tem energia? Então instale um novo jogo de velas CHAMPION e verá a diferença! As velas CHAMPION realizam uma verdadeira economia reduzindo o consumo da gasolina.

Á venda em todo o país nas boas casas da especialidade.

TELEGRAMAS: BORNENAL
C. Santos Lda
RUA DO CRUCIFIXO 57 LISBOA
TELEFONES: 2421 2422 2423

ONDA

duma "futil"

"A CLARINHA"

lançam-nos as palavras do fado em ecos de
aço. A luz electrica banaliza tudo!

Ha familias elegantes que ceiam enquan-
to uma voz se ergue, soluça, geme:

O amor da minha vida
Era lindo. Já morreu...

E ouve-se, ao mesmo tempo, gritar: «Is-
cas! Iscas com elas!»...

Entre os poucos livros que li, Clarinha,
depois da «Marlitt», foi o «Judeu Errante»
de «Sue» que me encantou. Esse eterno sim-
bolo era um só. Agora multiplicaram-se—
ha 500 judeus errantes que vagueiam ao
sabor das ondas, pedindo um pedaço de tre-
ra, um asilo, que não encontram. Esquece-
ram que o Divino Cristo, dessa raça nasceu,
e que a Virgem pertencia á tribu de David
—Rei!

Pelas noites escuras só se ouvem as on-
das que batem contra o barco. E lá vão, lá
vão... Alguns suicidam-se, os outros choram.
Não ha entre eles um guia ou profeta. Ten-
de piedade, Cristãos, a que pertenco.

Vou-me embora, Clarinha. Acabei o «dia-
rio duma futil». Já o não sou. Tudo o que
vejo me aflige. Entre as escadarias monu-
mentais, e os humildes, ternos degraus que
escaladam S. Jorge, apetece-me sentar nes-
tes, e chorar sobre Lisboa antiga, a que eu
sonhava! Mas tenho as saias tão curtas..
Amanhã ponho o vestido de Berlim. Hoje, ao
subir ao Arco de Santo André, cansei-me, e
apoiiei-me a uma parede.

Logo uma porta pequenina se abriu ao
meu lado, e uma rapariga de cabelos ne-
gros semeados de travessas vermelhas,
acudiu sollicita: «Está mal? Quere agua ou
um copinho de ginginha?»—A's janelas bai-
xas assomaram outras raparigas e o caridoso,
o terno coração da lisboeta, por mim bateu
uns instantes. Que sejas abençoadas, Mada-
lenas humildes! Jesus, no festim de Simão,
fez calar os grandes que murmuravam con-
tra a pecadora, que gemia a seus pés:

«Em verdade vos digo, entrei e nin-
guém perfumou os meus cabelos com oleos
preciosos. Mas esta mulher, com eles ban-
hou os meus pés doloridos, e os limpou
com os seus cabelos».

—E para Madalena:
«Vai em paz. A tua fé salvou-te!».

Mas Madalena, soluçando, o rosto for-
moso entre as ondas de ouro, não se erguia...

Crédo, pareço um prégador de Quares-
ma... Sinto que batem á porta. As primas
Soizas vêm buscar-me para irmos a Capari-
ca, que não conheço. Estreio lá o celebre fato
de banho. Tem três palmos de comprimento,
e custou-me 150 escudos, ali no Chiado,
quem desce á direita. E' caro, mas nem a
prima calcula como me «despe» bem! Não
sei como atravessamos o Tejo, cheinho de
barcos. Deve ser desembarque de tropas ou
chegada de ingleses, as duas coisas que mais
entusiasmam os alfacinhas.

Mas antes que eu fuja diga-me, Clarinha,
alguma coisa que me dê animo para ficar,
ou força para partir. Dê-me a coragem que
sempre a animou, através de tudo...

A sua
JOANINHA

amionetes da C. P.

via Barreiro, Alcacer do Sal,
Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE BARREIRO		
8,15	Partidas de Lisboa T. P.	7,35
9,00	» » Barreiro	8,15
9,20	» » Moita	8,30
9,55	» » Palmela	8,50
10,20	» » Setubal	9,10
11,05	» » Aguas de Moura	9,50
11,30	» » Alcacer do Sal	10,45
11,50	» » Grandola	11,25
13,25	» » S. T. Cacem (almoço)	12,55
14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
15,00	» » S. Luiz	14,10
15,45	» » Odemira	14,40
16,30	» » Odeceixe	15,20
16,45	» » Aljezur	15,45
17,05	» » Bensafim	16,20
17,20	» » Lagos	16,45
18,00	Chegada a Portimão	17,25

e desembarque
ões do Terreiro do
e Barreiro Mar

O trajecto pela via fluvial,
é feito pelos
magníficos barcos da C.P.

POR MARES E TERRAS LEVANTINAS

Evocações e saudades de Portugal

Os cruzeiros de turismo entraram
de tal maneira nos habitos da vida
moderna, que se desenvolvem de dia
para dia. Numerosos são por isso os
navios empregados exclusivamente
nesses serviços sem falar nos que, nas
épocas mortas do ano são desviados
das carreiras regulares para fazerem
um ou mais cruzeiros e todos com as
suas camaras abarrotadas de passa-
geiros.

Os amadores—cada vez mais nu-
merosos—têm grandemente razão,
pois não há nada mais agradável que
instalar-se a gente num vapor confor-
tável e deixar andar. Num dia goza-se
a tranquilidade dóce do mar, sem
poeira e sem jornais que nos dêem
más noticias, no outro tem-se o praz-
er duma escala, com programa ante-
cipado e em que no curto espaço de
algumas horas podemos ver o que ela
tem de notavel, de pitoresco ou mo-
numental.

E dura isto 15 ou 20 dias. Muda o
panorama, mas o que não mudão são
as nossas malas, nem o nosso arran-
jinho arrumado nos gavetões e no
guarda-fato do camarote, e assim não
somos nós que andamos de maleta na
mão á procura do hotel, é este que se
desloca, para nos tornar a vida facil
e agradável.

Aos cruzeiros de turismo deve o nos-
so país uma das suas maiores, senão
a maior propaganda, pois aqueles que
o visitaram na curta escala dum va-
por, têm sempre vontade de voltar e
muitos deles já o fizeram em tempo-
radas mais ou menos longas.

Por esse motivo a minha atenção,
anda há muito voltada para as esca-
las, pelos nossos portos, dos navios de
turismo e algo tenho conseguido, se
bem por vezes com muito trabalho e
persistencia.

Há dois anos fiz um cruzeiro aos
Açores, no ano passado fui á Islandia
e ao Spitzberg e esta primavera—«o
viajar e o coçar a questão está em co-
meçar»—dizpus-me a ir até ao Levan-
te, se bem que ele não me fôsse inteir-
amente desconhecido.

A viagem do *Kraljica* teve inicio em
Veneza no domingo de Ramos e fôra
organizada, na parte francesa, pelo
«Comité» de Propaganda no Estran-
geiro, em Paris, que pôs na sua exe-
cução todos os recursos da sua com-
provada competencia.

A primeira escala foi em Corfou,
mas o mar, era duma tranquillidade
inexcedível e o tempo tão deliciosamente
primaveril que muitos passa-
geiros ficaram a bordo indifferentes
aos atractivos da ilha querida da rei-
nha Elisabeth da Austria e de Gui-
lherme II.

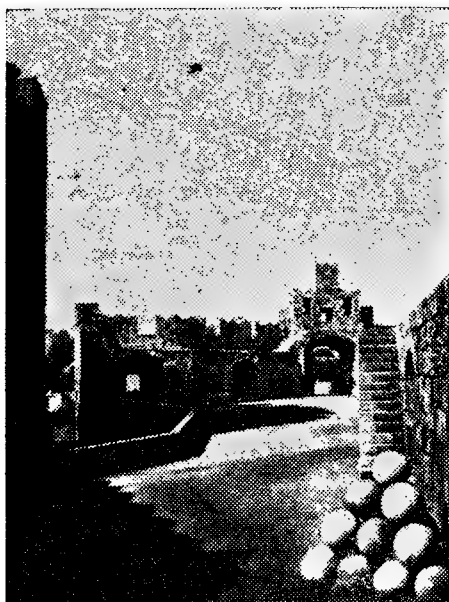
Depois foram as ilhas da Grecia que
desfilaram aos nossos olhos até San-
torin, onde desembarcámos por uma
manhã clara e festiva, indo encon-
trar, nos quintais das ruas tortuosas
daquella cidadezinha a escorregar do
alto da montanha escarpada, amen-
doeiras não em flôr, mas com as
amendoas já maduras.

A terra é extremamente pobre e a
gente que a habita, de costumes ar-
caicos, não conhece outro meio de
transporte que a mula de carga, de
patas firmes, como convem aos ca-
minhos ásperos que diariamente têm
que trilhar.

Novos e velhos olham-nos dos bu-
racos das suas casas com simpatia e
á porta das lojas dão o mesmo sorriso
a quem compra como a quem passa.

O *Kraljica* apita em baixo, chaman-
do-nos para o almoço e para a parti-
da e abalamos apressadamente gal-
gando de quatro a quatro as centenas
de degraus que descem da cidade até
ao cais.

Novamente o mar azul e o sol doi-
rado a envolver-nos, a provarem-nos
a doce alegria de viver. Dois dias de-
pois Chypre, a ilha encantada, onde
os impostos são quasi nulos e que dá
trigo duas vezes por ano. Terra ben-
dita onde nos trigais a monda das er-
vas bravas é desconhecida; e por is-
so as papoilas são tão bastas que, pa-
ra alegria dos nossos olhos, formam,
às vezes, um extenso tapete, vermelho
e vibrante, como o riso duma mulher,

Interior da muralha dos portugueses
em Rhodes

como o sol no ocaso dum dia quente
de verão.

Beyrouth espera-nos. Sem perda de
tempo, a 80 ou 100 á hora subimos as
montanhas do Liban para nos curvar-
mos diante da magestade da acropole
de Baalbek caída por terra e depois
através das ruas estreitas de Damas-
co temos que evocar, não sem emo-
ção, a historia da cidade duas vezes
santa, desde a janela por onde S. Pau-
lo deixou o cativo, á mesquita de
Omniades, onde, num tumulo simples
se guarda a cabeça venerada de S.
João Baptista, até ao jazigo onde dor-
me Saladin, sultão do Egipto, que Gui-
lherme II da Alemanha sacudiu da
poeira dos seculos.

Bem quisera demorar-me em Da-
masco, mas—ai de nós—o tempo era
avaramente marcado por um crono-
metro implacavel e o automovel ame-
ricano que nos conduzia, arfava de
impaciencia.

Deixamos Damasco ao pôr do Sol.
O seu casario alastra-se todo branco,
um branco de marfim, no meio duma
veiga extensa que a agua das regas
fecunda ruidosamente.

O arvoredo confunde-se no verde
triste do alecrim e do sandalo com o
pardo claro das oliveras em flôr. Qua-
dro de paz, aquella paz santa que tão
poucas vezes Damasco tem conhecido.

Deixamos Beyrouth á noite e os
seus mil lumes enchendo os primei-
ros contrafortes do Liban tinham um
ar festivo de ressurreição. Era do-
mingo de Pascoa. A primeira escala
foi em Rhodes, outrora famosa pelo
seu Colosso, cujas pernas pousavam
nas duas margens do porto, e hoje
não menos celebre pela obra gigan-
tesca que os italianos ali realizaram
para restaurar a sua dupla cinta de
muralhas e bastios construida pelos
Cavaleiros da Ordem de S. João de
Jerusalem e cuja parte de mais difficil
defesa tinha sido confiada aos portu-
gueses e aos castelhanos.

A fortaleza foi reconstruida pedra
por pedra, não sendo mesmo esqueci-
das as esferas de granito, arrumadas
em piramide ao longo dos barbacans,
como se estivesse imminente um ataque
do inimigo.

Mas não é só nas muralhas que o ge-
nio artistico e realizador dos italianos
se revelou, pois construíram ao lado
do novo porto uma cidade de harmo-
niosa compostura de linhas e em que
vemos belos exemplares da riqueza
arquitectonica venesiana e florentina.

A Residencia é uma bela evocação
do palacio dos Dogges de Veneza e o
Tribunal, vasto e de linhas severas, é
uma apologia architectonica do fascis-
mo. Partimos de Rhodes com muita
vontade de ficar e no dia seguinte des-
ciamos no cais de Galata, em frente
á velha Istambul, mais triste dentro
da sua nova civilização que não com-
preendeu e que lhe destruiu o seu
passado glorioso. Constantinopla é ho-
je um farrapo desbotado dos antigos

esplendores, que de certo não voltarão
mais.

Constantinopla tinha, porém, para
mim em interesse especial, aquella sim-
patica familia Abravanel de judeus
portugueses, que há anos ali descobre-
ra e com quem agora de novo passel
horas extremamente agradaveis. Ja-
cob Abravanel é hoje consul de Portu-
gal, cujo papel tomou muito a sério
pois é incansavel na defesa dos inte-
resses portugueses, de resto na casa
Abravanel tudo respira a nossa terra
bendita como se nela todos tivessem
nascido.

Quando, porém, ao cair da noite o
vapor tomou o caminho dos Dardane-
los a velha Istambul pareceu-nos ain-
da com a majestade doutroa.

Mas o que de mais agradável tinha
o cruzeiro a bordo do *Kraljica* é que
dos 19 dias de viagem 9 eram passados
sem escalas, numa perguça saborea-
da, que um mar de rosas e um tempo
docemente primaveril completavam.

O repouso era bem difficil porque
uma trindade amavel—o comandante
Vicko Simmunkovic, o commissario Pe-
tric e o 1.º maquinista Ilija Pejonic se
encarregavam de movimentar os pas-
sageiros, proporcionando-lhes as mais
agradaveis distracções.

Na vespera de chegarmos a Dubrov-
nik, rincão de exotica verdura, reali-
zou-se um grande baile á fantasia,
que terminou alta madrugada.

O pantar desse dia foi animadissi-
mo, com a presença dos mais variados
costumes carnavalescos, em que se
viam tziganos, soldados gregos, como
bailarinas classicas, tirolezes, janiza-
ros, senegaleses, Othellos de facalhão
á cinta, escoceses, de salote e gaita de
foles, etc. Um jovem casal americano
(V. Buren e Bety Buren) ao entrarem
na sala fizeram sensação, ele vestido
de Raméses II e ela de rainha do
Egipto, tanto mais que a vestimenta
de ambos era feita com uns trapos de
ocasião.

No meio do jantar—justos ceus—
que vejo eu descer a escadaria? Uma
minhota, uma autentica minhota.
Resplandecente de côr e de saude, a
que as luzes fortes da sala davam
maior relevo. Era uma menina alemã.
Carla Roskowski, que fazia reviver aos
nossos olhos a mulher portuguesa.

De toda a parte, entre aclamações,
partiram os mais desencontrados va-
ticínios. Que o que a pequena Carla
ostentava era um vestido servio, slo-
vaco ou romeno. E foi com um ah de
admiração que toda a gente soube que
se tratava dum costume português.

Vim depois a saber que fôra a mãe,
da improvisada portuguesa, que tendo
estado uma temporada na ilha da
Madeira lho trouxera de presente e
que em varias festas o tinha exibido
na Alemanha, sempre com successo, e é
com ele que nos jardins de sua casa
recebe ás vezes as suas amigas.

A pequena Carla foi, nessa noite, a
rainha da festa e até o comandante,
que conhece muito bem o nosso país
e que fala um *pocadinho* de português,
ao vela rodopiar no convés uma val-
sa ligeira, quis que bebessemos am-
bos um «whiski» e soda em sua home-
nagem que ela agradeceu tão rubori-
zada como o lenço escarlate que tra-
zia aos ombros.

GUERRA MAIO

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 23.—Santa Agripina, virgem
martir.

Lausperene, sai da capela de N. Senhora da
Conceição, ao Caldas, para a igreja de S. João
Baptista, no Lumiar.

Capela de N. Senhora da Conceição, ao Cal-
das, ás 11 e 30, missa de reposição do Santis-
simo.

Igreja do Lumiar, ás 11 e 30, missa por mu-
sica; ás 18, Terço de benditos.

Graça, ás 11, missa no altar do Senhor dos
Passos e exposição da referida imagem nas
igrejas do costume.

Revista illustrada de assuntos históricos an-
golanos

«Diogo-Caão»
Quarta série — 320 páginas 20\$00
BARRACA 16 — ROSSIO



ROSIPOR

O emprego de maus produtos de beleza contribui muitas vezes para o desastroso efeito que produz na pele a dilatação dos poros.

Seja porem qual for a causa, esse aspecto desagradavel da epiderme pode evitar-se usando produtos que fechem os poros, isto é, que os reduzam e limpem, para que a respiração da pele não seja prejudicada.

Para que uns preparados não prejudiquem os outros e o tratamento de beleza seja racional e logico, criou-se para poros dilatados o tratamento ROSIPOR, com a dupla vantagem de embelezar como os produtos de beleza das peles normais e ter as propriedades especiais acima indicadas. Assim V. Ex.^a poderá usar na sua toilette ordinaria a AGUA ROSIPOR que tonifica, cora e mantém a juventude, o CREME ROSIPOR n.º 1 composto de suco de flores que além das propriedades acima ditas, fixa muito bem o PÓ DE ARROZ ROSIPOR, que, como ultimo toque da toilette é excelente para tonificar e fazer a retracção da epiderme.

Academia Scientifica de Beleza
Av. da Liberdade, 35 - Lisboa

Os nossos produtos encontram-se á venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

D. Maria das Dores Borges do Canto

Passando o 30.º dia do seu falecimento, manda sua neta Ibertina B. do Canto Santos Costa, residente em Quelimane (Moçambique), rezar uma missa por sua alma, amanhã, dia 23, ás 9 horas, na igreja da Conceição Nova.

Agradece-se a quem assistir a este piedoso acto.

Viajar é bom...



de graça ainda melhor

compre um

PHILIPS

e poderá fazer uma das
25 VIAGENS DE FERIAS

Informe-se hoje mesmo junto dos nossos revendedores ou nas Salas de Exposição

Av. da Liberdade, 3, 1.º
LISBOA



Av. dos Aliados, 151, 2.º
PORTO

POR MOTIVO DE BALANÇO



Grandes abatimentos em Raposas argentéas, azues, brancas e Canadás e muitas outras.

Rolos em Skunk's e varias confecções em peles.

PELARIA CONFIANÇA

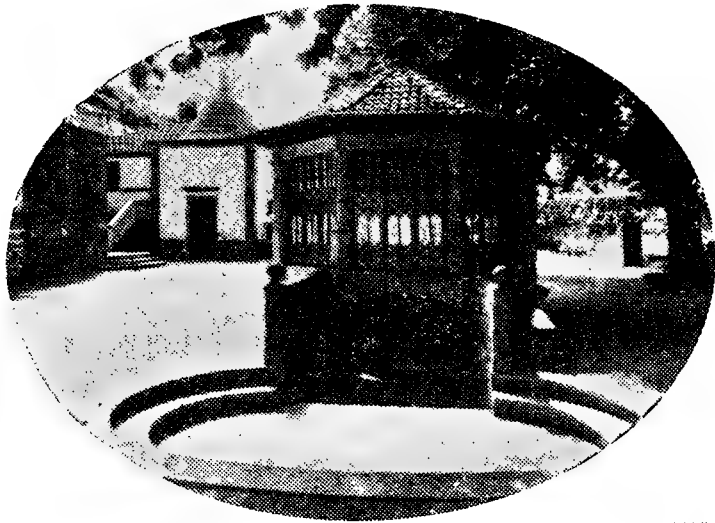
Rua da Palma, 3 - Telef. 28157 - Casa do peleiro (fabricante)

EMPRESA DAS AGUAS MINERO-MEDICINAIS DE CALDELAS

S. A. R. L.

SEDE EM CALDELAS

As aguas medicinais de Caldelas são indicadas pelas maiores celebridades medicas, interna e externamente, nas doenças do aparelho digestivo, especialmente na enterocolite mucromembranosa, colites, coli-baciloses, nas doenças do fígado e baço.



Aguas específicas das doenças do intestino e suas consequências

SINDROMAS COLIBACILARES

As termas estão abertas de 10 de JUNHO a 10 de OUTUBRO.

Estação de Caminho de ferro:

BRAGA

Director clinico: DR. FLORES LOUREIRO - Medico adjunto: DR. JULIO FORMIGAL

Grande Hotel da Bela Vista. Propriedade da Empresa. Abertura: 10 de Junho - Encerramento: 10 de Outubro - Conforto

Asseio inexcelvel. Agua corrente, quente e fria, em todos os quartos. Serviço de mesa com e sem dieta

Concerto por um terceto - Telefone, Capela, Garagem, Barbeiro e Bilhares - DIARIAS DESDE 30\$00

Correspondencia: Ao Administrador-Delegado CARLOS RIBEIRO BORGES - CALDELAS

A C. P. oferece-vos:

O IV EXPRESSO POPULAR

em 25 de Junho

Lisboa - Setubal e volta

por

6\$00

Bilhetes á venda na estação do Rossio (Informações), 1.º andar - Esclarecimentos pelo telefone 2 4031.

ESTORIL

Casa vende-se ou aluga-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garagem, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chafariz Maria Manoela. Tel. 203. Também informa Lino, banheiro, ou o chete do Caminho de Ferro.

Atum em Azeite ?!

PURO DE OLIVEIRA

SÓ TENORIO...

Recomendavel tambem
aos debilitados

tira toda a sujidade em vez de encobri-la. Estiregue bem a espuma no sapato e escove de leve depois de seco.

Bon Ami

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Rep. Victor Chaskelmann & C.,
Rua da Palma, 268 - Lisboa

Por \$65 DIARIOS

Faça a compra mais útil

Uma Banheira de Ferro Fundido Esmaltado

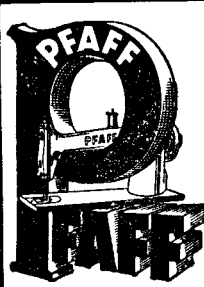
A Fundição e Construção Mecanicas de Oeiras, Empresa que introduziu em Portugal o fabrico de Banheiras em Ferro Fundido Esmaltado chama a atenção do publico para o facto de já ter vendido até á data perto de **50.000 BANHEIRAS SEM NUNCA TER REESMALTADO NENHUMA**

O seu preço é infimo atendendo á sua qualidade podendo ter-se banheiras desde Esc. 400\$00

As banheiras em Ferro Fundido são no Estrangeiro e em Portugal as preferidas

A venda a pronto e a prestações em Lisboa nas casas da especialidade

EXIGIR F. C. M.
A MARCA



PFAFF

O nome Pfaff é a garantia das maquinas de costura.

Universalmente conhecidas como as mais perfeitas e de mais duração.

Agulhas, oleo, lam. para as e motores Pfaff.

Ensino gratuito de bordados a maquina. Santos & Araujo, Lda 49, A. Garrett (Chiado), 51

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271



A propósito do roubo do «Indiferente», do Museu do Louvre, foi agora recordada, em Paris, uma aneddotica, que teve por protagonista Raland Dorgelés. O autor das «Croix des Bois», quando fazia jornalismo, quis provar que o famoso quadro estava mal guardado. Uma manhã tranquilamente entrou ali, com uma estatueta, que lhe tinha custado 3.75 francos, e colocou-a entre as antiguidades egípcias. No outro dia voltou, e com a mesma paz de espírito retirou a estatueta do seu pedestal. O guarda que, por acaso, se encontrava perto, surpreendido com o gesto daquele senhor bem vestido, repreendeu-o severamente:

—Daqui não se pode levar nada.

E prendeu-o.

Mas Dorgelés, redarguiu:

—Esta estatueta pertence-me. Paguei-a por 3.75 francos. Comprei-a no outro Louvre, nos armazéns.

Foi chamado um conservador, que examinou a terra cota. De facto, era uma pobre e tosca imitação. Claro que Dorgelés fez com isto uma grande reportagem, provando que o maior museu de França estava mal guardado.



A Biblioteca Real de Bruxelas comemorou recentemente, o centenario da sua abertura ao publico, com uma curiosa exposição na qual se patenteia a historia daquele estabelecimento.

A Biblioteca de Bruxelas, inaugurada em 1839, possui hoje um milhão de volumes, 450.000 estampas, 32.000 manuscritos e 150.000 medallas e moedas.



Ha duas semanas uns «gangsters» de Nova York dirigiram o seguinte bilhete a um rico industrial: «se não entrega 50 mil dolares, sua mulher será raptada».

Sucedeu, porém, que por um erro do correio, a terrivel carta foi parar ás mãos dum pobre sapateiro, carregado de filhos, e casado com uma megera atroz. Imediatamente o sapateiro respondeu—assim o afirma um jornal tmericano—nestes termos: «Não tenho dinheiro, mas a vossa proposta interessa-me muito».



André Maurois é hoje recebido na Academia Francesa. São seus padrinhos Georges Lecomte e Abel Hermont.

O discurso de recepção é pronunclado pelo almirante Lacaze.

O grande biografo do «Disraeli» está agora escrevendo uma historia dos Estados Unidos, tendo ido áquele país colher elementos de trabalho.

DO «DIARIO DE JOSÉ MARIA»

Ao romper da alva

pelo dr. Ramada Curto

Apagaram-se agora mesmo as luzes da cidade. Não passa ninguém na rua e não se ouve um ruído. Os estroinas acabam de recolher a casa como aves nocturnas e estão ainda a dormir os que trabalham. Sinto-me, como se estivesse só, diante da cidade adormecida. O drama, nesta hora unica, nesta hora de transição, não se passa na terra entre os homens. Passa-se no céu, entre a sombra e a luz e tenho a ilusão de que sou eu o unico ser vivo, a assistir a essa luta, aqui da minha janela, onde me trouxe a longa noite de insomnia.

Bem avisado andei em pôr um casaco pelos ombros, vestir umas calças, enfiar uns chinelos nos pés, para gozar, sózinho, este espectáculo. Decerto ha gente acordada a esta hora, nos hospitais, nas casernas e nos lugares de prazer também—mas esses não vêem o céu como eu o vejo em frente á urbe enorme e silenciosa. As fachadas das casas têm uma lividez espectral e parecem, de janelas negras e

fechadas, misteriosas como tumulos. No cotovelo da travessa defronte, a empena daquele predio velho, toma, ao alto, um tom de opala, ligeiramente violeta e rosa, como o nacarado que ha no interior de certas conchas. Mas a parte inferior abaixo das janelas do rez-do-chão, está ainda negra, confundindo-se com o basalto da rua.

O céu é branco, muito alto, sem uma nuvem, deserto como um oceano sem velas. Não sei porquê, recorro com um sorriso, dois versos de Virgilio que o meu mestre, o velho padre Manuel do Castelo, me ensinou juntamente com as primeiras letras:

«Discutit in tenebras roseis Aurora capillis.
Et Sol, astra fugat, perfundens omnia luce...

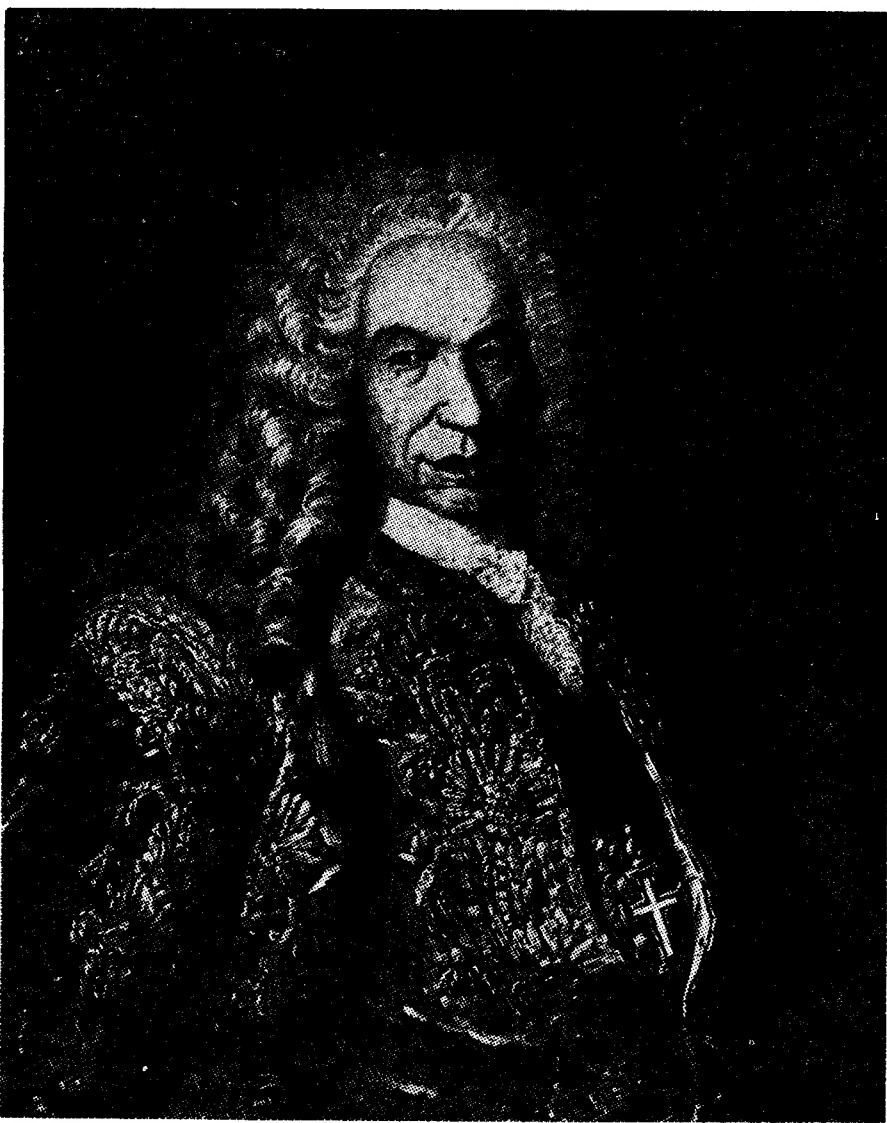
Como era facil a um poeta classico dizer o que ha de infavel numa madrugada! Quantas vezes a Aurora despentou nas trevas com os seus «rosados cabelos», desde que se escreveram estes versos! Oigo o longo silvo

dum comboio que parte ou que chega. No tempo do Mantuano não se ouvia este som afflitivo, pelo que evoca de despedidas, de irremediaveis separações, quando, como eu se está só e triste.

Mas ouviam-se os galos, como agora. Parecendo que não, também é triste, ouvir os galos a distancia. Que quererão os pobres bichos pedir ao céu, com aquele grito que parece uma impreciação, uma supplica ou um aviso? Quererão dizer aos homens que vem aí outro dia, que a vida continua, e que o que vem, é igual ao que passou? Na outra margem do rio apagau-se agora também a iluminação dos cais. Agora sinto-me inteiramente só, tenho a sensação de que não ha, no mundo, quem se importe comigo. E, subito, descubro, com surpresa, que numa janela entreaberta num terceiro andar, aqui da rua, brilha uma luz. Quem será que está acordado a esta hora? A Angelica é que conhece toda a vizinhança e eu, que vivo aqui ha tanto ano, preciso fazer um esforço para identificar a casa e os seus habitantes. E' a mana do empregado da Alfandega que morreu ha anos e que ali vive com as duas filhas, ambas solteiras, magrinhas, feiazinhas e que trabalham para fora. Se calhar trabalharam toda a noite, para aprontar alguma encomenda para as lojas—que a vida custa muito aos pobres.

Donde é que vem agora esta brisa tão fresca, tão pura? Atiro o cigarro, respiro fundo para que ela me entre bem nos pulmões. Que frescura!

E' o halo do dia que nasce e que, como ainda não viu misérias nem maldades, tem um halito puro de criança inocente! Ao contacto dessa frescura, senti-me bem, quasi feliz. Deu-me vontade de tomar parte no amanhecer, de fazer como os galos, pôr-me a cantar para que o sol venha depressa. O que são aqueles pontos negros, muito altos, no céu, por cima da Basilica da Estrela? São as primeiras andorinhas que acordam e vão, antes do sol fora, governar a vida. Dá-me vontade de lhes gritar: «bons dias, madrugadoras!». E, como sou um melomano, recorda-me o canto da manhã de Grieg. Gostaria de o ouvir, em pianissimo, a distancia tocado por uma orquestra em que os instrumentos fossem de cristal!... O caso é que me sinto contente. A vida não é tão feia como isso e ha prazeres acessíveis a toda a gente—até a um pobre homem como eu. No fundo o que é preciso é não ter grandes culpas na consciencia. E eu, na verdade, não me sinto muito culpado. Mas devia ser melhor, devia ser mais puro, para, como dizia um poeta meu amigo, poder beber a paz desta alvorada, sem ter nem uma preocupação, nem um leve espinho na consciencia. Reparo que defronte, na janela iluminada do terceiro andar, passaram, rapidamente, sombras. Estão a trabalhar, a mãe e as filhas, com certeza. E continuo nas minhas reflexões. Eu não me acuso, sinceramente, de ter feito mal a ninguém. Mas isto é uma coisa negativa, é um criterio egoista.



Retrato de D. Luiz da Cunha

por Pierre Antoine Quillard (?), exposto no Museu de Arte Antiga

(Ver continuação na 3.ª pagina)

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

DOCUMENTÁRIO

Páginas

Os grandes livros estão abertos na linda Praça da Cidade—para a cidade os lêr. A tarde de junho vai quente—abafada. O sol ilumina tudo, deixando apenas no chão pequenos quadros de sombra. A água dos lagos—aquecida. Parece óleo.

As pombas fugiram... as flores murcham e lá de cima, da estatua, o sr. D. Pedro IV (que por sinal é o príncipe Maximiliano, do México) olha para aquilo tudo, do alto da sua indiferença. Eu, que adoro livros, desafio o sol e ponho-me a lêr, curiosa, naquelas lombadas colossais, os títulos das obras e os nomes dos autores: —«Por que me orgulho de ser português?»—diz-nos Forjaz de Sampaio: Olhando o livro, pergunto a mim própria: «Por que me orgulho de ser portuguesa?».

... Será pela imorredoura glória que anda presa ao nome da minha terra? Será pelos feitos gigantescos dos seus heróis?

Será pelas virtudes sublimes dos seus santos?

Será pela sua beleza de encantar?

Levanto os olhos: Lá em cima á direita, por sobre o casario, o convento do Carmo—como um velho livro aberto, amarelado pelo tempo—conta-me uma linda história de grandeza!

De repente, não sei porquê, veio-me á memória, uma pequenina história que um dia ouvi:—Certa mãe teve curiosidade de saber por que seria que os filhos gostavam tanto dela. Chamou-os, perguntou-lhes: Por que é que vocês gostam de mim?

O primeiro respondeu:—«Ninguém me beija como tu».

O segundo acrescentou: «Ninguém é melhor do que tu, mãezinha!».

E o mais pequenino disse: «Amo-te, porque tu... és tu!».

Insensivelmente, tornando a olhar para o título do livro, ouvi a minha alma dizer baixinho:—«Orgulho-me, porque tu... és tu».

Vou andando—vou andando. Os meus olhos caem noutro título:

«Terra Bendita».

... E, a olhá-lo, abstraem de tudo o mais, para só verem, ao longe, debaixo do outro sol, também ardente, a terra ressequida da China e, curvada sobre ela, numa labuta incessante, heroica, apaixonada, uma esquelada e impressionante figura de mulher, exemplo de trabalho, de persistência e de amor—«O-Lan», a pequena escrava da Casa Grande.

«Cartas a uma noiva» diz outra lombada:

Cismando, ponho-me a observar as meninas de agora que, no Rossio (como me apetecia escrever Rocio!) passam alegres, frescas e viçosas, quasi apregoando, com o sorriso e o olhar, os frutos e as flôres dos cestinhos, que, a fingir de chapeus, levam á cabeça. Fico por momentos, pensativa, a cogitar... a cogitar...

Depois, não podendo resistir mais, aproximo-me do «stand» e numa voz indiferente pergunto: —O senhor diz-me, por favor—este livro vende-se muito?

Continuo a caminhar.
«A mulher jogada aos dados!»...
Ia a dizer uma coisa, mas já não digo.

«Olhai os lírios do Campo»—diz o livro que está ao lado:—Que lindo título! Uma grande suavidade entra em mim! Respiro fundo uma frescura imaginária! Este título é todo um poema de terra abençoada!

E olhando, em frente, para os «Lusiadas» que encimam as obras do padre Manuel Bernardes, de Gil Vicente e de Garrett, os meus lábios movem-se e ouço a minha voz dizer: «Alegres campos... verdes arvoredos... Claras e frescas águas de cristal»...

A tarde cai... A luz esmorece... a água dos lagos, refrescada, agora, agita-se debaixo da brisa que passa... As pombas voltam... As flores arrebitam—e lá de cima, da estatua, o sr. D. Pedro IV (que por sinal o não é) olha para aquilo tudo, do alto da sua indiferença.

L. EFCE

OBSERVAÇÕES A UMA CRÍTICA

Breve antologia da poesia moderna portuguesa

Sr. dr. Joaquim Manso:—Na referência de Gaspar Simões á «Breve Antologia de Poesia Moderna» estão afirmações que precisam de esclarecimento.

Entendo que o valor duma obra, quando boa, resiste a tudo quanto dela se disser de mau e, quando má, não há louvores que a salvem. Por isso não me parece necessário saltar o autor, de florete ou varapau, em defesa de sua Dama.

Mas o caso aqui é outro. Trata-se de esclarecer o leitor e de salvar um pouco a honra do convento.

Em maio de 1938 escrevi nas «Páginas Literárias» da Gazeta de Coimbra:

«Gaspar Simões está fazendo em Portugal uma boa obra de saneamento literário. Por isso e por outros motivos o admiramos. Mas a nossa admiração não significa submissão, concordância, estado impassivo de raciocínio perante todas as suas opiniões. Não nos parece mesmo que Gaspar Simões pretenda convencer-nos de que só ele está senhor da verdade crítica portuguesa».

Gaspar Simões ocupa uma posição incomoda nas letras do país. Tem sido atacado, caluniado, ofendido, odiado. Com justiça? Quasi sempre por despeito.

Quem escreve estas linhas vem falar-lhe publicamente como amigo que já experimentou as consequências do amor pela sua verdade. Também o amor pela sinceridade me traz aqui.

Analisemos:

«Mas alguns dos poetas que nele figuram (no folheto) perguntam admirados como foi que puderam figurar numa obra para que não foram convidados. De facto, parece que se não devia publicar uma antologia sem pedir vénia aos poetas que nela comparecem».

Considero este policiamento demasiado infeliz.

O organizador da «Antologia» não teve tempo de consultar todos os colaboradores. Só poucos dias antes da data em que o folheto devia ser vendido se resolveu, definitivamente, a publicá-lo. Por isso alguns não foram consultados.

Haveria algum poeta que se sentisse ofendido por colaborar numa publicação destinada, como se diz na abertura, «a auxiliar a obra de caridade do Senhor Doutor Elisio de Moura e iniciar alguns portugueses de boa vontade nos segredos da verdadeira poesia»?

Precisava o publico de saber se alguns autores foram ou não convidados a colaborar no folheto? Cumpre ao critico esclarecer, orientar, ajuizar e não denunciar.

Outra afirmação de Gaspar Simões:

...«na «Breve Antologia» figuram poetas demasiado verdes ao pé de poe-

tas demasiado maduros para se confundirem com eles. Em compensação omitem-se nomes que não poderão deixar de figurar numa antologia de poesia moderna por mais breve que seja: o de Carlos Queiroz, por exemplo».

Com um pouco de boa vontade teria Gaspar Simões lido na nota de abertura a explicação do caso:

«Evidentemente, não podem figurar aqui poemas de outros autores, também dignos de antologia. Para isso seria necessário um volume grande».

Respeito o seu critério quanto á mistura dos verdes com os maduros. Mas é preciso recordar-se: «O Cantico Negro» de José Regio é tão verde quasi como os poemas da «Antologia», dos poetas da novíssima geração. Talvez filho da verdura dos vinte e poucos anos.

Se um dia Gaspar Simões organizar uma antologia, não se esqueça de exigir a certidão de idade dos seus colaboradores.

Tudo o equivoco de Gaspar Simões provem de ter considerado esta obra humilde uma antologia completa, perfeita, em vez de a encarar como ela se apresenta: *forçosamente incompleta*. Uma tentativa, um caminho para a antologia completa, organizada com cuidado, tempo e sobretudo tanta isenção como a dum «antigo detractor do modernismo!».

Em que fui e quando fui eu detractor da poesia moderna?

Condenar os disparates, as águas turvas, a vacuidade de certos poemas é ser detractor do modernismo?!

Não sabe Gaspar Simões que elogiei com justiça, as «Eneuzilhadas de Deus» de José Regio, «O outro livro de Job», de Miguel Torga, e «Ilha deserta», de Antonio de Sousa, quando fazia a critica literaria dum diario desta cidade? Não sabe que nas «Páginas Literárias» se criticaram, com aplauso, livros de poetas modernistas e se publicou a colaboração deles?

Sim, é verdade eu ter combatido aqui, em discussões com ele, não o modernismo, mas o charlatanismo nele contido. Se isso é ser detractor da escola, pegue na palmatoria. Continuo na mesma posição.

O que fiz agora, com a publicação da «Breve Antologia», de que se tiraram dois mil exemplares e venderam mil e tantos só num dia, merecia talvez uma apreciação menos hepática.

Gaspar Simões, é certo, louva a consagração da poesia modernista. Mas dá a todos os leitores da sua critica a impressão de me ter desancado. Essa impressão, para nossa honra, poderia ter-se evitado, com um pouco mais de justiça e um pouco menos de sadismo critico.

Coimbra, 10 de junho de 1939.

CAMPOS DE FIGUEIREDO

Impossível

São saudades de ti, ou são de tudo

aquilo que sonhei e que perdi?

Anda a beijar-me um grande pesar mudo

que eu tenho de guardar. Por mim... Por ti...

Fiz da descrença o meu brasão e escudo

que a esmaltes de oiro e orgulho revesti...

Mas nos teus brandos olhos, de veludo,

revejo a mágoa que eu aos meus preendi.

Se tu, meu bem, pudesses entender!...

Fui pequenina... Inda não sou Mulher...

E o Sonho? Que é do Sonho do Futuro?

Andei perdida, vaga, a procurar-te

e o mesmo Não a rir em toda a parte

e sempre, á minha volta, o mesmo muro!

NATERCIA FREIRE

Bibliografia

«Canteiros Floridos», de Adelino Reis de Sousa

O sr. Adelino Reis de Sousa, director da Fazenda das Colónias, publicou agora um livro de lindas quadras, intitulado «Canteiros Floridos». Trata-se de versos que juntam a uma simplicidade encantadora certa ironia admirável que raspa sem ferir.

Dir-se-ia que este pequena obra, resceende aos cravos vermelhos deste junho luminoso.

A edição é da Livraria Portuguesa.

«Cartas Espirituais», de Frei Antonio das Chagas.

Os grandes santos foram sempre grandes pecadores. Não será uma regra, mas uma constante, que tem a sua aplicação na existencia desregada e violenta de Antonio da Fonseca Soares, conhecido no mundo das letras, e nos claustros da historia religiosa, por Frei Antonio das Chagas. O prof. Rodrigues Lapa, num prefacio, que é uma biografia de traço forte, apresentando, admiravelmente, o *fradinho*, na sua dupla existencia. A primeira do espadachim terrível—uma morte ás costas—depois de militar, capitão dos «terços» de Setúbal, batendo-se denodadamente; a segunda, de ascensão mística, professando em Evora, entre balas de artilharia, uma das quais caiu ao pé do habito, que já envergava, com a cidade cercada pelas tropas de D. João de Austria. Leva para a religião, onde a custo entrou a violencia dum verdadeiro proselito. Prega com fervor, com violencia, por vezes, truculento, quando arruma o crucifixo—traz a espada, irmão!—para o meio dos fieis, ou levanta, nas suas mãos, uma caveira para lhes lembrar que tudo é pó, cinza e nada.

As suas *Cartas Espirituais* caracterizam-nello um gongorista, de admirável estilo, com os olhos voltados para o céu. E' limpo e também artificioso. Algumas delas, porém, são muito belas, como conceitos, observações de costumes e, sobretudo, conhecimento das dores humanas. Eis uma obra que deve figurar em todas as bibliotecas. —(Livraria Sá da Costa).

«Caminhos do Mundo», de Artur Augusto

E' um livro de crónicas. Nada mais facil, nem mais difficil de fazer. O cronista não vê, apenas, os assuntos, improvisa-os, modela-os, misturando a realidade mais objectiva, com a sensibilidade mais íntima.

«Caminhos do Mundo» é um roteiro geográfico. O autor escreve-nos de quasi todas as latitudes da Europa: Berlim, Paris, Roma, e quando se cansa, ou a sua emoção quer, ansiosamente, mais beleza, vai até ao proximo Oriente, ou respira as flores embriagantes da Madeira. Artur Augusto, no prefacio, mostra-se, se não um pouco desiludido, pelo menos preocupado com a revisão dos seus valores morais. Como que diz: chegou a hora de me penitenciar. Ou antes, de viver!

Isto significa que este seu livro é, até certo ponto, o primeiro passo da sua vida de homem. Seja como for, o artista, o critico, o cronista, em frase rutilante, por vezes, em extases de exaltação criadora e sensível, escreve como os pelicanos fazem o ninho: arrancando de si o melhor da sua carne e do seu sangue. Tem crónicas modelares, sobretudo, aquelas em que deambula pelas grandes capitais do mundo, procurando desvendá-lhes, para lá do seu sorriso, como na Gioconda, o misterio da sua alma.

«A Planície Heroica», de Manuel Ribeiro.

Trata-se duma nova edição, do notavel romance de Manuel Ribeiro. A critica já se pronunciou sobre ele, com palavras de louvor, que eram uma merecida homenagem a uma das melhores obras do autor de «A Catedral». *Planície Heroica*, com o seu titulo symbolico, tem por clima o Alentejo. E' um livro triste e belo, cheio de humanidade, em que se destaca a figura dum sacerdote, partilhando o viver humilde do povo, numa consagração de amor e de abnegação. —(Livraria Guimarães).

«Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira».

Está publicado o fasciculo LI desta obra, do excepcional envergadura, grande repositório do idioma, notavel pela soma copiosa de conhecimentos gerais que dá ao leitor. Este numero começa no substantivo *bufo*, e termina com a descrição da vila de Cabeceiras de Bastos. Dezenas de desenhos, gravuras e alguns *hors-texts* completam o fasciculo.

«Défense du pays»

de Edouard Daladier



EDUARDO DALADIER

Edouard Daladier... Com a sua máscara carrancuda, de fronte ascética e clara, concentrado, inimigo das palavras, firme nas suas atitudes e intransigente nas suas convicções, pode dizer-se que este homem acaba de salvar a França. O passivo político, económico, financeiro, e moral que, ha quinze meses, recebeu, quando tomou conta do poder, era tragico. A França perdia, sucessivamente, todas as suas linhas de resistencia diplomática. O inimigo de leste dir-se-ia que trasbordava já na fronteira do Reno. A moeda, defraudada pela especulação e pelo panico, perdia o seu valor. As grandes massas, condicionavam de tal maneira o trabalho, que a industria de guerra, se não paralisara, caíra num ritmo lento, precursor da inercia. E o mais grave ainda é que a França heroica de 1914, sem travar uma unica batalha, tinha a psicose duma nação vencida. Os partidos lutavam encarnadamente e inutilmente. Desordem nas ruas. Uma aviação desorganizada. No panico de setembro, reconhece-se que o exercito não tem canhões, e que Paris está á mercê dum golpe do inimigo. Foi esta França minada e esvaída, descrente e pessimista, que Daladier tratou, numa serie de operações cirurgicas, que a salvaram. A França hoje, calma e tranquila, reforçou as suas fronteiras, aumentou os seus efectivos, fez a paz interna, aumentou as suas horas de trabalho, robusteceu a sua moeda, e alargou a sua projecção espiritual sobre o mundo, voltando a desempenhar o seu papel de grande potencia.

Neste livro «Défense du pays», titulo que é uma afirmação, Daladier reuniu os seus discursos, duma sobria e viril eloquencia, alguns deles de caracter historico, que definem a sua attitude, em mais dum transo decisivo. É curiosa a dialética de Daladier. O minimo de efeitos retóricos, de artificios de estilo de alusões pessoas. Pensamento nu, linear, eminentemente objectivo, duma arquitectura matematica que dir-se-ia cifrar em numeros as suas expressões. «Défense du pays» é um livro historico, que explica todos os grandes problemas cruciantes dos ultimos tempos assinalando através deles, a attitude da França. Ao lê-lo tem-se a impressão de que a nobre nação latina encarnou em Daladier, a sua alma e a sua consciencia.—(Librairie Flammarion).

Do livro «MALICIA SEM MALDADE»

Ha imperios que caem em cem anos e outros em cem dias. É uma questão de decrepitude ou de demencia.

Ser illustre não custa nada, quando a grandeza é adquirida com a ignorancia e a timidez dos crédulos.

JOAQUIM MANSO

Os nossos contos

O ESCULTOR

de RODRIGO DE MELO

—«Escultor»?—desdenhava, a esca-bichar os dentes, aquele sebtão do Cesario—moldureiro, que ficara depois da «janta» á conversa com a dona Casimira-da-Pensão, o Samouco, nos seus dignos colarinhos de goma, e o «Vitrola»—brasileiro novo e optimista. Esperavam, para a rançosa «sueca», o Marcial, tropego homem da Casimira e dono de magra reforma que lhe ficara, por antigo guarda dum museu lisboeta.

—Aquele homem há-de sempre arranjar uma maçadaria para nos fazer esperar!—abanou a cabeça grisalha da patrão. —Que precisão tinha ele de sair agora á rua, com uma cacimba como está, para comprar a chouchice do jornal dos fados?! E, se calhar, nem está ainda á venda.—Um estalo bocal, como de arrieiro a besta. Depois, uma respiração funda, de infeliz que abana a cabeça:—Ai, que feitiço...!

O «Vitrola», simpático:—«Deixa disso, dona Casimira!» (Com os «is» todos muito pontuadinhos, á brasileira...) P'ra castigar ele, em vindo, (o «d» e o «t» até faziam vento!) a gente não joga mais sueca, não; «mais» sim aquela jogatina nova que ensinei e onde só Marcial vai perdê p'ra burro! Tá feito?—

O Samouco, para o Cesario, preso á historia:—Sim, o meu amigo diz bem. Aquele officio não se chama de escultor. O seu nome é canteiro.

—Pois nem mais nem menos!—ali-viou, num berro, o das molduras.—Vem-me então para cá com uma gravata de laçarote á «lavalière»...—

—«Lavalière»—corrigiu Samouco, a

verificar, congestionado, com os dedos por dentro do imenso colarinho, se o botão postigo não fugira.—«Lavalière».—

—...e com uma cabeleira de mulher! De mulher antiga, das de cabelo comprido... P'ra que é aquilo, o senhor não me dirá? Artista também eu sou e, modestia áparte, nisto de caixilhos e guarnições, nem o Julio, da Trindade, me proleva... E tosqüo-me como a outra gente! E uso uma gravatinha estreita!...

O tom subira; a conversa morna do «Vitrola» com a hospedeira cedera á animação do outro dialogo. A mulher interessava-se:

—Falam do senhor Malafaia?—Num ar de justificação:—O meu marido é que mo trouxe para cá e apresentou-mo como uma grande coisa...—Os ombros encolheram-se, a movediça cabeça entortou-se de resignação:—Aquele cisma dos artistas, que o Marcial tem!

—E a moça dele?—inquiriu o brasileiro, baralhando distraidamente as cartas.

—Diz que é filha; o homem é viuvo, acho eu—ouviu-se o Samouco.

—Pois sim, «fililha»!—esgançou, numa troça aflautada, o das molduras.

E nisto chegou o Marcial, precedido do som da sua tosse cachoante e do bater da porta fechada com força.

—Vem bonito!—rosnou, desagradavel, a esposa, quando ele, a arquejar dos bronquios, escarrava no lenço.

—Deixa-me cá!—urrou o velho entre dois frouxos.

—Já vejo que não encontrei a porcaria do jornal... Vens tão «malis-

posto»! Parece que a gente que te tem culpa...

—«Vamo» nisto, minha gente?—O baralho começou a ser distribuido ágilmente pelas mãos castanhas e tratadas do «Vitrola»—que dava cartas.

Matilde, efectivamente, não era filha do Malafaia; tinha razão o Cesario, em duvidar. A distancia de idades que se abria entre os amantes suggerira ao desgraçadito do canteiro aquela mentira—que só os simplórios donos da pensão aceitavam. Matilde algumas vezes sublinhava o absurdo para o companheiro, que nunca se habituara a tratar por tu:

—Então esta gente não deve estranhar que, sendo eu sua filha, durma no mesmo quarto que você—já uma mulher?!—Bem sabem que não tenho dinheiro. Vêem duas camas e pedi o biombo...

De resto, o que ela era, o que ela principalmente se sentia, era prisioneira daquele homem amargo, doente de miseria e de ciúmes. A alcova era o seu horizonte. Não se atrevia, por timidez e receio,—Malafaia era misterioso e mudo—a cirandar pela casa, quasi nem a chegar ao unico postigo que olhava para um saguão crepuscular, latrinario. Ao principio, ainda iam comer á sala de jantar, com os outros. Matilde não levantava os olhos pequeninos, do prato. Mas o brasileiro era comunicativo e ela achou graça a uma sua anecdota... E, no dia a seguir, o Malafaia perscrutava-lhe torturantemente o aspecto, a possivel reacção revelada, ao anunciar-lhe que decidira jantar, daí para o futuro, ali mesmo no quarto, sobre aquela mesa... Sós! Ela, ele,—e a desconfiança. Não disse coisa alguma; não enguliu mais nem menos do que de costume. O olhar do homem varava-a, mais parado e mais agudo. Afixiava! Porque estava ela guardada por um velho?! (Atentava-lhe á sucapa nas rugas que o encorticavam, nas câs, no tremor fraco das mãos, esguias e habels, a amortalharem um cigarrito fino). A gratidão nebulosa que lhe dava desde que (de challito preto e chinela, acamalhada de há pouco em Santarem)—espevitava a afeição dum senhor com gravata e chapéu largo; a gratidão vaga pela morte que ele dera á sua fome de garotita perdida numa cidade onde há montras de casas de pasto e confeitarias; essa gratidão anestesiante—morreu naquele dia... E, desvaída, cheia da febre duma «grippe» em que recaíra,—ele tratara-a, solícito e deslizando, mas mudo, sempre mudo naquele quarto onde anoitecia desde manhã—rebetou de revolta, arrumou-lhe á cara amarfanhada um jorro de insultos, á sua maneira cruelmente popularucha: Não lhe devia nada; estava farta; não o «gramava»; antes a perdição e a fome do que aquele encaixotamento!

Foram estes brados que interromperam o jogo da dona Casimira, do seu Marcial, do Samouco, do Cesario e do «Vitrola». Mas por pouco tempo. Rosnados uns a-propositos, as cartas continuaram a ser batidas. Lá dentro nada já se ouvia, senão marteladazitas em cinzel...

Ao ir deitar-se—já não era cedo; a partida, emocionante, dera para tarde—o Cesario viu uma fita de liquido castanho (pareceu-lhe) correr de baixo da porta do Malafaia. Dentro—o martelo e o escopro...

Foi berrar aos outros. Bateram. Tiveram de arrombar.

Um braço já fóra seccionado ao cadaver, de torso nu e com as pernas embrulhadas num lençol onde havia muito sangue. O homem quebrava agora o osso do outro. Certo, uma copiasita barata da famigerada Vénus de Milo—modelo para aquela mutilação.

O Malafaia tinha enlouquecido, claro.

RODRIGO DE MELO

Visão de morte

Amei outrora a vida sorridente,
No mais sublime arroubo de emoção;
Amei a Natureza florescente,
A treva imensa, a vasta solidão.

Amei também o Sol omnipotente,
O ribombar fremente do trovão;
Amei a Terra, amei o Mar potente
Deslizando ao sabor da viração.

Amei, mas hoje falta-me a alegria.
Odeio a luz do céu, como os morcegos
Voando pelo espaço sem ter fim.

Odeio tudo, pois que, dia a dia,
Surge aos meus tristes olhos, quasi cegos,
A morte, abrindo os braços para mim.

CARLOS FERNANDES

(Inédito)

Ao Romper d'Alva

(Continuação da 1.ª pagina)

O que os homens deveriam ser era duma bondade activa, capaz de se sacrificar, de servir o seu semelhante. É curioso que estas reflexões se misturaram com a evocação das notas do canto da manhã, do Grieg, que a minha memoria musical continua a recordar, enquanto os meus olhos, encantados, vêem aumentar para o nascente o clarão auri-rosado do céu. Na rua é tudo sombra ainda. Dois predios adiante ha um vulto que mete a chave á porta. Reconheço-o. É dos jornais. Aquele, coitado, não recolhe de manhã por prazer. Onde virão—pregunto a mim mesmo—estes sentimentos de simpatia humana que eu sinto neste momento, borbulhar dentro de mim? E as dores sofridas?

Oh são horríveis, são, as dores, certas dores que se sofrem! Mas todos, todos as sofrem, sem distincção. É o quinhão comum da natureza humana; devia ser mais um laço de amor entre os homens... Como é que se formou de repente aquela nuvem doirada para os lados da barra? Que linda!

Gritos? Quem grita a esta hora? De onde vêm os gritos? Vêm da janella do terceiro andar, entreaberta e iluminada. É um choro afflicto, desgarrador, que me arripia. É um choro convulso de quem acaba de sofrer uma grande desgraça. E distintamente, atravessa a rua um brado lancinante de angustia:

—Ai a minha mãezinha que não a vejo mais...

Agarro-me ao corrimão da janella, com muita força, frio, gelado—com um nó na garganta! Era aquilo—a luz brilhando, isolada, entre as outras janellas escuras, aquela gente acordada enquanto os outros dormiam! Os gritos repetem-se. Fujo. Fecho a janella. Não quero ouvir mais. Era aquilo!

Fico só, parado, no meio do quarto. A piedade da Angelica, como sempre, alumiu o oratorio. Fixo o Cristo que agoniza na sua cruz. Sinto que tenho os olhos cheios de lagrimas. E vem-me um desespero de não poder, de não ser capaz, de me deixar cair como um farrapo, a chorar diante daquela imagem—impassível e de pedra.

RAMADA CURTO

OS LIVROS DA SEMANA

I—O Cinema como Arte

Creio que já não ha duvidas para ninguém: o cinema é uma arte. Não se me afigura mesmo ousado dizer que o cinema é uma das maiores criações dos tempos modernos. Durante muito tempo, porém, houve quem se recusasse a aceitar o cinema como arte. Para que o cinema ascendesse a essa categoria foi necessaria a sanção da filosofia das artes. Alguns esteticistas mais audaciosos procuraram definir a natureza da nova arte. Pode dizer-se que o advento do cinema como arte coincidiu com o triunfo do chamado «modernismo».

Mas então o cinema não foi arte desde as suas primeiras manifestações? Não era arte o cinema de Meliès? Não era arte o cinema italiano do tempo da Bertini? Parece-me que, de facto, o cinema deve ser considerado arte apenas a partir do momento em que pôde ser usado como uma linguagem pessoal. Uma lingua, em si mesma, não é arte: a lingua de um povo só atinge o nível da arte a partir do momento em que é utilizada por um artista. Melhor: a partir do momento em que serve a exprimir de uma maneira superior a sensibilidade de um artista. Antes do cinema havia a fotografia. As primeiras tentativas cinematograficas são, afinal, fotografias animadas. Mas, nessa primeira fase, tanto a fotografia como o cinema se limitavam a um processo tecnico de fixar a realidade fisica. O fotografo contentava-se em reproduzir a coisa fotografada. Não tinha mesmo maiores ambições. Que fazia o cinematografo? Depois das primeiras experiencias de Lumière em que a camera cinematografica se limitou a fixar a partida de um comboio e a saída dos operários de uma fabrica—meras fotografias animadas da realidade—, um homem houve que compreendeu o papel do cinema. Era preciso fazer daquela «técnica» uma arte, pensou Meliès. Eis que este mesmo Meliès, habil manipulador de espectaculos feéricos, se pôe a fotografar já não quadros da realidade, mas construções imaginarias. Quem teve a dita de ver outro dia no S. Luiz a reexibição de alguns filmes de Meliès pôde, sem duvida, certificar-se de que uma das preocupações deste extraordinario artista foi dar á descoberta de Lumière valor artistico. Quere dizer: Meliès procurou elevar aquela nova linguagem que era o cinema de um campo de meras realidades praticas a um campo de realidades gratuitas, imaginarias, ficticias. Meliès adivinhou o caminho; mas não pôde segui-lo. A verdade é que o cinema chegaria a ser arte não quando o objecto fotografado tivesse um valor artistico, mas sim quando a propria camera fotografica fosse posta ao serviço de uma sensibilidade artistica. Quere dizer: a arte não estava na realidade fotografada. A arte devia estar na pessoa que fotografava. Não era, então, Meliès um artista? Não eram artistas esses precusores geniais do cinema moderno? Eram. Mas não bastava isso para que o cinema começasse logo a ser uma arte. Era preciso, antes, que a sensibilidade desses artistas se identificasse com a nova linguagem. Para se ser um escritor é preciso saber escrever. Para se ser um artista em qualquer arte é preciso saber manejar a linguagem dessa arte. Ora o cinema era uma linguagem com que o homem precisava de identificar-se: antes disso não havia maneira de fazer de um filme uma obra de arte. A realidade é uma coisa impessoal, passiva. O pintor que a queira pintar precisa de identificar-se com ela: necessita encontrar na realidade aquilo por onde ela o pode exprimir a ele proprio. Só então se poderá dizer pintor. Um quadro não é a realidade: é um ponto de vista sobre ela, uma selecção de elementos feita nela segundo a orientação pessoal da sensibilidade do pintor que a vê.

Eis como era preciso descobrir a forma de uma maquina fotografica se identificar com o fotografo para podermos considerar a fotografia arte. Sim: uma maquina fotografica é impessoal por natureza perante a realidade. Não precisa do homem para fixar uma paisagem ou um rosto humano: a objectiva se encarregará disso. Que seria então necessario para que a maquina se identificasse com o homem, para que o homem colaborasse com a maquina? Isto simplesmente: deslocá-la segundo o seu gosto, a sua sensibilidade, o seu capricho. Quando isto se fez, nasceu a fotografia artistica, nasceu a arte fotografica. Assim a fotografia animada se fez arte também. Meliès não precisava de fotografar cenários maravilhosos para obter um filme artistico; Antoine não precisava de representar impecavelmente o seu repertorio teatral perante uma maquina de filmar para fazer arte cinematografica; Bertini escusava de ficar horas diante de nós a mover as mãos e a trejeitar a cara para realizar «arte muda». Tudo isto era escusado, porque o cinema só seria arte quando a camera de filmar se identificasse com o realizador para nos dar da realidade uma série de imagens seleccionadas segundo um gosto pessoal, uma sensibilidade pessoal, uma intelligencia pessoal.

Eis como a filosofia das artes descobriu que o cinema merecia categoria estética: desde que

criava em vez de reproduzir o cinema era uma arte. Uma maquina fotografica imovel perante uma cena onde se represente uma tragedia de Shakespeare dar-nos-á teatro filmado (*theatre de conserve*, como dizem os francoses). Uma maquina imovel perante uma paisagem dar-nos-á uma fotografia exacta da paisagem. Uma maquina imovel perante uma cena de rua dar-nos-á um fiel testemunho fotografico dessa cena. Em nenhuma destas fotografias haverá, porém, criação. Todas se limitam a reproduzir escrupulosamente, fielmente, exactamente, objectivamente, a realidade. Quando surgiu a criação? No momento em que a maquina se começou a mover perante o palco onde se representa a tragedia, perante a paisagem, perante a cena da rua. No momento em que a tragedia de Shakespeare deixou de ser um quadro, onde o espectador procurava com os olhos o que nele se passava, para ser uma associação de imagens que por si só mostravam ao espectador a tragedia que ele não viu directamente; no momento em que a paisagem lhe surgiu diante dos olhos não como um trecho impessoal da natureza, mas como uma elaboração de aspectos dessa mesma natureza preparada por uma visão humana; no momento em que a cena da rua se lhe exibiu não como um acontecimento espontaneo, mas como um relato intencional—eis que surgiu a criação. Eis como nasceu a arte cinematografica. Eis como o cinema veio a ser considerado uma forma de expressão artistica tão humana, tão pessoal como a literatura, a pintura, a musica, a escultura, o teatro, a dança.

II—O Cinema e a critica portuguesa

O cinema é, pois, uma arte. Tem o seu lugar entre as artes de remota tradição. Como tal, tem também já a sua critica: a sua critica e a sua estética. A bibliografia estrangeira sobre o cinema é longa. Alguns dos mais notaveis espiritos criticos do mundo lhe têm dedicado a atenção que ele merece. Que se tem feito em Portugal? Tem-se escrito muito sobre cinema? Qual é o nível da nossa critica cinematografica? Que pensam os nossos intellectuais sobre o cinema? Muito havia a dizer sobre qualquer destas interrogações. A verdade é que não têm faltado entre nós publicações consagradas ao cinema. Já se tem escrito muito entre nós sobre a nova arte. Mas do muito que se tem escrito pouco se aproveitou. A nossa critica de cinema não podia ser excepção: seguiu a rota normal da critica literaria. Toda a gente sabe alinhar meia dúzia de adjectivos acerca de um livro: esses mesmos adjectivos tanto podem applicar-se a um livro, como a um quadro, como a um filme. Eis como toda a gente está preparada entre nós para fazer critica cinematografica. Demais, o que importa não é ser justo e imparcial: o que importa é satisfazer a cupidéz das empresas. Eis como surgiu entre nós uma critica cinematografica optimista e irresponsavel. Muitos daqueles que entre nós escrevem sobre cinema não fazem a menor ideia dos problemas estéticos do cinema. Isto, de pequena gravidade quando a critica portuguesa se ocupa de filmes estrangeiros, torna-se gravissimo quando ela se ocupa das nossas tentativas cinematograficas. A' mingua de um controle seguro e lucido, o cinema português pôs-se a fazer bondos: choveram sobre ele elogios, quer se tratasse de filmes mediores quer de próximos filmes. Resultado: o cinema português seguiu o caminho da literatura portuguesa. Criaram-se dentro dele três ou quatro nomes «consagrados» com o exclusivo de todas as produções nacionais. Façam o que fizerem estes «consagrados» não podem fazer maus filmes. Assim o decretou essa critica incompetente e mercenaria.

Mas isto não podia durar sempre. Pelo menos era de esperar que alguém tentasse resgatar os erros passados. Um ou outro nome surgiu animado de combatividade e de boa fé. Mas poucos foram aqueles que se mantiveram no seu posto. Um nome convém não esquecer: o de Roberto Nobre. Durante anos, Roberto Nobre manteve no jornal *O Diabo* uma secção de critica cinematografica verdadeiramente notavel. Ponderado, imparcial, lucido, competente, Roberto Nobre nunca se deixou seduzir pelos exitos faceis e pelos triunfos dos «consagrados». Os filmes portugueses encontraram nele um juizo benevolo, mas seguro. Nenhum grande filme estrangeiro lhe passou despercebido; todos os grandes problemas do cinema o encontraram desperto e apto. A prova disso temo-la diante

HORIZONTES DE CINEMA

ensaios de ROBERTO NOBRE

7.^a ARTE, elementos de técnica cinematográfica

por MOTA DA COSTA

de nós. *Horizontes de Cinema* (Guimarães & C., Lisboa, 1939) é o titulo do volume de ensaios que Roberto Nobre acaba de publicar. E' a primeira vez que se publica em Portugal um livro tão completo e tão sério sobre os problemas cinematograficos. As ideias que Roberto Nobre defendeu durante anos nas suas cronicas de *O Diabo* surgem aqui expostas de uma maneira desenvolvida e por vezes quasi sistematica. *Horizontes de Cinema* é, pois, um livro que vale a pena ser lido e meditado. Quaisquer que sejam as restrições que se lhe faça a sua importancia é indiscutivel.

III—Um livro capital

Neste livro há muitas ideias. Há nele muitos problemas que nunca tinham sido tratados em Portugal. Não admira, pois, que nem todos os seus pontos de vista sejam expostos com a mesma clareza e nem todos mereçam a mesma adesão. Demais, se alguma coisa há digna de reparo neste livro é a insegurança do estilo de Roberto Nobre. Claro que o estilo não é coisa fundamental numa obra desta natureza: mas Roberto Nobre, se se exprime com mais retensão, cuidando melhor da frase, escolhendo mais rigorosamente os termos, evitando certa facilidade jornalística, não perderia nada com isso. Pelo contrario: ganharia. Certos dos seus ensaios, aqueles onde Nobre pretende ir mais fundo, ficam muitas vezes áquém do tema tratado: a expressão não acompanha a altura do tema. Afigura-se-me, por exemplo, de mau gosto a *Parábola preambular*. Roberto Nobre conta-nos ali, de uma forma elagónica, como nasceu o cinema, mas num tom pouco proprio de uma obra da seriedade de *Horizontes de Cinema*. Para se escrever uma alegoria desta natureza, com colloquios entre deuses do Olimpo, é preciso um estilo muito seguro, de contrario, fica-se a dois passos da farsa.

Repto: o livro de Roberto Nobre toca os problemas capitais do cinema. E fá-lo de uma forma proficiente. Roberto Nobre conhece esses problemas a fundo. Em todo o caso, talvez pela razão que apontei acima, ha assuntos tratados com hesitação. Quando Roberto Nobre nos começa a falar da estética do cinema no capítulo da *Estética dinamica* intitulado «*Estética não é «exterior»*» dá-nos a impressão de que usa a palavra *estética* com pouca precisão. Roberto Nobre parece querer atribuir-lhe um significado muito mais complexo do que o que ela tem. Pois não é a estética o capítulo da filosofia onde se estuda a essência do belo? Só isto: nada mais. A verdade é que o proprio Roberto Nobre o não ignorava. Quando se liberta das primeiras considerações ambíguas, entra no assunto com clareza e precisão. Logo adiante, quando estuda a *Influência da velocidade na arte*, Roberto Nobre faz algumas considerações curiosas sobre a arte do nosso tempo e a velocidade. E' certo que restringe, talvez, um pouco o problema. Não é apenas a velocidade que faz com que os automóveis tenham uma forma adaptada ao seu fim: também os moveis, a arquitectura, a utilidade domestica têm hoje uma configuração de acordo com o seu fim. Isto quer dizer que não é bem a velocidade que domina as artes decorativas, mas a adaptabilidade dos objectos ao fim a que se destinam. Assim se criou um novo estilo: o estilo sobrio da decoração moderna. Ainda como dedução deste ponto de vista, o qual leva Roberto Nobre a considerar o cinema como uma criação directamente filha da velocidade, fazem-se neste livro inteligentes considerações sobre a intelligibilidade dos filmes. Na opinião de alguns espiritos cultos, o cinema é uma arte inferior porque não exige do espectador esforço de compreensão. As imagens, previamente associadas para sugerirem a ideia, evitam ao espectador todo trabalho de assimilação. Isto é verdade até certo ponto. Mas Roberto Nobre argumenta intelligentemente quando cita o caso daqueles que vão ao cinema pela primeira vez: tudo que se passa na tela lhes é incompreensivel. E' um facto: o cinema já tem uma linguagem simbolica que não é acessivel a toda a gente. Pelo menos, exige iniciação. Isto não quer dizer que, de facto, o cinema não seja muito mais facilmente assimilavel que a literatura.

Além dos capitulos, recheados de pontos de vista argutos sobre o ritmo no cinema, Roberto Nobre dedica algumas páginas lucidas ás relações entre o cinema e o teatro. Como era

de prever, Nobre distingue com intelligencia a estética do cinema da estética do teatro. Cada uma destas artes tem os seus meios proprios e a sua finalidade particular. Onde eu não estou completamente de acordo com Nobre é no facto de ele considerar a crise do teatro coisa inremediavel. Segundo ele, o teatro terá de ceder o lugar ao cinema como a caldeira a vapor cedeu o lugar ao motor de explosão. Isto só é verdade debaixo de um certo ponto de vista. Demais Roberto Nobre não deixa de assegurar ao teatro um futuro: vê-o como um entretenimento de elites. Pergunto: não serão o verdadeiro cinema, a verdadeira literatura, o verdadeiro teatro, a verdadeira pintura entretenimentos de elites? E' certo que na Grecia o teatro teve um largo auditorio. O teatro elisabetano foi amado pelo povo. Mas o melhor desse teatro não podia ser compreendido se não por elites. Não é o que se dá ainda hoje com o proprio cinema? Compreenderá a grande massa o lirismo dos filmes de Charlot ou a gravidade humana de um filme como *A grande illusão*? E' certo que Nobre se refere ao cinema e ao teatro como espectaculos. Como espectáculo lucrativo o cinema matou, na verdade, o teatro. Mas isto sobretudo nos países, como o nosso, onde o teatro chegou á maior das degradações. Em Londres uma peça como *Rio Cintilante*, de Morgan, mantém-se no cartaz um ano inteiro. Não é isto prova de que a crise do teatro é mais portuguesa do que geral?

Não menos inteligentes e ineditas entre nós do que as considerações sobre o ritmo no cinema são as considerações acerca da interpretação no cinema e no teatro. Absolutamente de acordo sobre o vicio, que é preciso castigar, da chamada idolatria das estrelas. Os filmes feitos propositadamente para as «vedetas» são uma das maiores calamidades do cinema. Não quero deixar de chamar a atenção para as curiosissimas observações de Roberto Nobre acerca das características da representação do actor de cinema em relação á do actor de teatro. As diferenças no gesto, na entoação, na plasticização do jogo fisionómico são estudadas com verdadeira mestria. O capítulo dedicado aos desenhos animados—*Psico-patologia dos desenhos animados*—está cheio de boas observações e de justos juízos. Eis aqui uma justíssima exposição do valor estético dos desenhos animados. E' de notar, sobretudo, como Roberto Nobre viu o problema do valor humano dos desenhos animados. «Sendo uma arte sem homem»—escreve ele—é uma arte onde o homem está presente, numa presença multiplicada. Não representando objectivamente, fotograficamente, o homem, o desenho animado representa-o subjectivamente. Tudo aquilo é visto através da sensibilidade e da imaginação do homem. Como na poesia, a descrição de uma manha é bela, não pela manha, mas porque o poeta que a descreve a sentiu bela e soube dizer-nos essa beleza». Isto responde áqueles que só vêem humanidade na obra em que figura directamente o homem. Nos capitulos consagrados ao destino do cinema (*Para onde vai o cinema?*) ao *Realizador Português* e ás *Possibilidades dum estilo português* ha claros, sensatos, lucidissimos pontos de vista. Leia-os e medite-os quem se interessar seriamente por estes problemas. *Horizontes de Cinema* é um livro para ser lido e meditado por todos aqueles que consideram o cinema uma das artes capitais do nosso tempo.

IV—Vulgarização

Quasi ao mesmo tempo que o livro de Roberto Nobre chega-nos o livro de Mota da Costa intitulado *7.^a Arte, elementos de técnica cinematografica* (Edições Cosmes, Lisboa, 1939). Quere dizer que o cinema está na ordem do dia. Este livro é, no entanto, bem diferente daquele. Neste os problemas de cinema são vistos com uma unica finalidade: vulgarizar. E' essa, demais, a intenção de Mota da Costa expressa no limiar do seu livro. Como obra de vulgarização este livro é modelar. Está escrito com clareza e sobriedade. Não sei até onde irá a curiosidade dos cinefilos. O que não ha duvida é que Mota da Costa satisfaz os mais exigentes. Não se esqueça mesmo de consignar as *Proporções ideais das vedetas*. Por isso mesmo, *7.^a Arte* preenche uma lacuna. E' um livro de cabeceira para todo o aspirante a cinéfilo.

JOÃO GASPAR SIMÕES

Edições da «Renascença Grafica»

RUA DA ROSA, 27, 2.^o

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO PAULO FREIRE (Mário) 20\$00
MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO... por NORBERTO LOPES 10\$00
O LIVRO DO NOSSO AMOR por SILVA TAVARES 8\$00